



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

EDSON SHINAID SILVA DA SILVA

**UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DO SERVIÇO NA PRÁXIS DE JESUS: A
NARRATIVA DO LAVA-PÉS COMO PARADIGMA PARA O SERVIÇO CRISTÃO**

BELÉM – PARÁ

2021



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

EDSON SHINAID SILVA DA SILVA

**UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DO SERVIÇO NA PRÁXIS DE JESUS: A
NARRATIVA DO LAVA-PÉS COMO PARADIGMA PARA O SERVIÇO CRISTÃO**

Trabalho de conclusão de curso, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista Equatorial.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos de Lima Costa.

BELÉM – PARÁ

2021

EDSON SHINAID SILVA DA SILVA

**UMA ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DO SERVIÇO NA PRÁXIS DE JESUS: A
NARRATIVA DO LAVA-PÉS COMO PARADIGMA PARA O SERVIÇO CRISTÃO**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de bacharel em Teologia da Faculdade
Teológica Batista Equatorial.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos de Lima
Costa.

Data de Aprovação: xx/xx/2021

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos de Lima Costa – FATEBE

Prof. Esp. Benildo Veloso da costa - FATEBE

Prof. Esp. Josué Lima – FATEBE

BELÉM – PA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao nosso SENHOR Jesus Cristo por tudo que me ensinou e me proporcionou durante todo esse tempo, sustentando-me em cada passo da minha vida. A Ele toda honra e glória pelos séculos dos séculos.

Sou grato aos meus queridos pais que sempre me apoiaram e me ensinaram, através do diálogo e de seus exemplos. Agradeço ao meu pai, Francisco Araújo da Silva, que sempre se preocupava em como eu estava no Seminário e, principalmente, a minha mãe, Albertina Silva de Oliveira, por ser um exemplo de determinação, sempre demonstrando atos de serviço àqueles que estão a sua volta.

Agradeço a minha querida e amada esposa Sandra Silva de Oliveira por todo incentivo, ajuda, oração, amor e por estar sempre ao meu lado, ajudando-me a não desistir nos momentos difíceis. Gratidão!

Agradeço a minha filha Isabelly Silva, que, apesar de muito nova, estava sempre me motivando a estudar.

Agradeço à FATEBE e a todos os professores que sempre nos ensinaram com muita dedicação e amor, contribuindo para minha formação. Foi um sonho realizado por Deus ter estudado nesta Academia que sempre formou homens e mulheres para servirem no reino de Cristo.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos de Lima Costa, pela paciência, dedicação e gentileza durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Foi por meio de uma de suas aulas de Novo Testamento que me sentir impulsionado a pesquisar sobre esse tema.

Meus agradecimentos ao querido amigo Pr. Francileu Ferreira Souza e sua querida esposa, Dá. Líbia Cristina; foi um casal que sempre nos acolheu de braços abertos e nos ensinou o verdadeiro sentido de fazer missões, agindo com muita paciência, humildade, simplicidade e conhecimento de Cristo.

Quero também externar meus sinceros agradecimentos ao querido amigo Pr. Ageu Serra e Dá. Diana Duarte; esse casal sempre me motivou ao conhecimento do Evangelho de Cristo, investindo no discipulado em nossas vidas, com muito carinho, no início da caminhada cristã.

Agradeço a minha igreja, Adventista da Promessa, pelo carinho e amor com que me aceitou. Agradeço a cada amigo, aos irmãos em Cristo, aos companheiros de ministérios, aos líderes e aos pastores pela dedicação no ensino do Evangelho de Cristo.

Agradeço a cada amigo que conheci durante este curso acadêmico; foram fundamentais na minha vida. Amigos mais chegados que irmãos.

O homem não é avaliado pelo número de servos que possui, e sim pelo número de servos a quem serve.

(D. L. Moody)

RESUMO

Teólogos e estudiosos de vários tempos têm-se ocupado em analisar o pensamento de Jesus, como também seus ensinamentos e milagres. Todavia, é um estudo amplo e de muita labuta, pois os ensinamentos de Cristo são profundos e seus milagres são incríveis. O Dr. José Carlos Costa afirma que: “os atos e as palavras de Jesus tiveram um enorme impacto sobre o mundo ao longo dos séculos.” E ele declara que “seus ensinamentos mudaram culturas e transformaram estruturas. Cerca de dois mil anos após sua morte, o que disse e fez continua influenciando pessoas dos mais variados níveis sócio-cultural.”¹ Assim sendo, neste estudo, objetivamos realizar uma análise do episódio do lava-pés, narrado em João 13: 1-20, à luz da Bíblia e da literatura teológica, a fim de evidenciar o lava-pés como paradigma para o serviço cristão. O trabalho divide-se em três capítulos: no primeiro, discorremos a cerca do serviço de Jesus realizado através dos milagres, curas, exorcismos e ensinamentos, os quais o acompanharam durante todo o seu ministério público; no segundo, realizamos a análise bíblico-teológica do texto em questão; e no terceiro, apresentamos uma análise prática do serviço enquanto estratégia de liderança. Os atos poderosos de Jesus faziam parte do seu dia a dia. Na perspectiva dos Sinóticos e de João, analisamos e demonstramos, na Palavra de Deus, a Bíblia, como Jesus exerceu seu ministério através do serviço.

Palavras-chave: Serviço. Atos. Ensinamentos, milagres, liderança, pastor, vocação, a práxis de Jesus como modelo de serviço e liderança.

¹ COSTA, José Carlos de Lima. **A influência do profetismo hebraico na práxis de Jesus à luz dos evangelhos sinóticos** [manuscrito]. – 2012, p.11.

ABSTRACT

Theologians and scholars from several times have been busy analyzing the thought of Jesus, as well as his teachings and miracles. However, it is a large and hard study, as the teachings of Christ are profound and his miracles are incredible. Dr. José Carlos Costa states that: “the actions and words of Jesus had an enormous impact on the world over the centuries.” And he declares that “his teachings changed cultures and transformed structures. About two thousand years after his death, what he said and did continues to influence people from the most varied socio-cultural levels.”² Therefore, in this study, we aim to carry out an analysis of the foot-washing episode, narrated in John 13: 1-20, in the light of the Bible and theological literature, in order to highlight foot-washing as a paradigm for Christian service. The work is divided into three chapters: in the first, we talk about the service of Jesus performed through miracles, healings, exorcisms and teachings, which accompanied him throughout his public ministry; in the second, we performed the biblical-theological analysis of the text in question; and in the third, we present a practical analysis of service as a leadership strategy. The mighty acts of Jesus were part of their daily lives. From the perspective of the Synoptics and John, we analyze and demonstrate, in the Word of God, the Bible, how Jesus exercised his ministry through service.

Keywords: Service. Acts. Teachings, miracles, leadership, pastor, vocation, the praxis of Jesus as a model of service and leadership.

² COSTA, José Carlos de Lima. The influence of Hebrew prophetism on Jesus' praxis in light of the synoptic gospels [manuscript]. – 2012, p.11.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O SERVIÇO NOS ATOS E NOS ENSINOS DE JESUS	12
2.1	OS MILAGRES COMO SERVIÇO	12
2.2	AS CURAS COMO SERVIÇO	15
2.3	OS EXORCISMOS COMO SERVIÇO	18
2.4	A MORTE (MC 10: 45) COMO SERVIÇO	20
2.5	O SERVIÇO NOS ENSINOS DE JESUS	24
2.6	OS MÉTODOS APLICADOS POR JESUS	30
2.7	PROPÓSITO	30
2.8	PARÁBOLA	31
3	A NARRATIVA DO LAVA-PÉS COMO PARADIGMA DE SERVIÇO (JOÃO 13:1-20)	35
3.1	TEXTO BÍBLICO	35
3.2	O SENTIDO DO LAVA PÉS E O SEU LOCAL	36
3.3	SERVIR COM AMOR	41
3.4	SERVIR COM HUMILDADE	44
3.5	O SERVIÇO NA PRÁTICA	47
4	O SERVIÇO COMO ESTRATÉGIA DE LIDERANÇA	52
4.1	LIDERANÇA SERVIL	52
4.2	LIDERANÇA PIEDOSA	59
4.3	LIDERANÇA VOCACIONADA E COMISSIONADA	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6	REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a luta por uma posição privilegiada acontece com a mesma autenticidade como ocorria nos tempos de Jesus. Lugares de sobre-eminência são constantemente buscados por líderes religiosos. Em grandes instituições religiosas e igrejas, um requisito para quem deseja comandar é a obtenção de propriedades e o alcance de posições de governo. A liderança é uma ação grandemente almejada em todas as repartições de negócios e da educação, independente dos mecanismos que devem seguir para alcançarem seus propósitos. Nossa sociedade atual é orientada para o progresso. A notabilidade é sinônima de sucesso, quanto mais notável se é, mais próximo ao sucesso se está.³ Todavia, o ensino e modelo deixados por Jesus contrapõem-se aos ensinamentos seculares, norteados por uma sociedade que visa somente o poder, a promoção e o reconhecimento pessoal.

Dias Lopes ensina que “Os valores do Reino de Deus estão em flagrante oposição aos valores do mundo. No Reino de Deus, a pirâmide social está invertida, está de ponta-cabeça. O maior é o menor, o que tem mais preeminência é o servo de todos.”⁴ Dias Lopes ressalta ainda que a ideia de grandeza para o mundo

É exercer poder sobre os outros; a ideia de grandeza no Reino de Deus é servir aos outros. A ambição do mundo é receber honra e atenção, mas o desejo do cristão deve ser dar em vez de receber, servir aos outros em vez de ser servido.⁵

Jesus Cristo é aquele que inspira, aquele que gera admiração, aquele que tem coerência ética. Ele é aquele que encarnou o ministério do serviço através do exemplo, do amor e da humildade. Jesus ensina que o caminho para subir é descer e que liderar significa servir. Nessa perspectiva, liderança, para Cristo, significa o serviço em atos para as pessoas, independente da função ou posição. Partindo dessa premissa, Youssef afirma que ‘Jesus ensinou seus discípulos didaticamente e com seu próprio exemplo.’⁶

A palavra práxis, do grego *πράξις*, segundo Moulton, significa ações, modo de agir, feitos, prática e comportamento.⁷ Para Gingrich e Danker, *πράξις* significa atividade, função e

³ WILKES, C. Gene. **O último degrau da liderança**. Traduzido por Neyd Siqueira. — São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 47-48.

⁴ DIAS LOPES, Hernandes. **Marcos: o evangelho dos milagres** — São Paulo: Hagnos, 2006, p. 437.

⁵ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 338.

⁶ YOUSSEF, Michael. **O Estilo de Liderança de Jesus**. Belo Horizonte – MG: Editora Betânia – 1986, p. 156.

⁷ MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. Tradução de Everton Aleva de Oliveira e Davi Miguel Manço. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 351.

atos.⁸ Por sua vez, de acordo com Pfeiffer, Vos e Rea, autores do Dicionário Bíblico Wycliffe, práxis é um “dever ou responsabilidade dos cristãos em ação.”⁹

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo a partir da narrativa do lava-pés, tendo como tema **Uma análise bíblico-teológica do serviço na práxis de Jesus: a narrativa do lava-pés como paradigma para o serviço cristão**. O estudo foi pautado na metodologia da pesquisa bibliográfica da literatura teológica, para a qual foram utilizados vários autores a fim de fundamentar o exposto. Ademais, utilizamos para fins expositivos e argumentativos Léxico grego analítico, Comentários bíblicos, Dicionário bíblicos, Manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos, Chave linguística do Novo Testamento Grego, Livros do contexto histórico nos tempos de Jesus, bem como fundamentamos o trabalho em teólogos bíblicos e sistemáticos que abordam aspectos direta ou indiretamente relacionados ao tema da pesquisa.

A pesquisa configurou-se como qualitativa, analisando o serviço sobre os ensinamentos e atos de Cristo numa perspectiva Joanina e nos sinóticos, em vista de alcançar o nosso objetivo geral: apresentar a práxis de Jesus como um modelo de serviço para a liderança cristã.

Além do texto introdutório, o trabalho apresenta três capítulos e a consideração final. No primeiro capítulo, tratamos sobre os atos de Jesus, no que se referem aos milagres, os exorcismos, a morte e os ensinamentos, bem como os métodos aplicados e os propósitos utilizados para ensinar como meio de serviço.

No segundo capítulo, fazemos uma análise bíblico-teológica do episódio do lava-pés, registrada em João 13.1-20, da qual extraímos vários estudos e interpretação aprofundada tanto no contexto bíblico, quanto no contexto cultural judaico e, até mesmo, em contexto anterior a Jesus. Fazemos uma abordagem minuciosa e relevante acerca do sentido e do significado do ato que Cristo Jesus encarnou para os seus discípulos através do lava-pés como paradigma de serviço.

O terceiro capítulo traz uma análise mais prática sobre o serviço como estratégia de liderança. Nessa perspectiva, Jesus ensina o modelo de liderança: servil e piedosa, comissionando e vocacionando tanto seus discípulos, quanto as lideranças atuais a exercerem uma vida de líderes imitada pelo Mestre dos mestres Jesus Cristo.

⁸ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do NT grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 173.

⁹ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Júnior, 2. ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 377.

2 O SERVIÇO NOS ATOS E NOS ENSINOS DE JESUS

O exercício do serviço prático ensinado por Jesus constitui-se grande desafio em uma época em que o individualismo predomina na sociedade. Nessa perspectiva, importam os interesses pessoais e não os coletivos. Cada um se interessa apenas em ser servido de algum modo e em usar o outro em benefício próprio. Todavia não devemos nos iludir em imaginar que esse jeito de viver seja característico somente do mundo, do lado de fora dos portões da igreja. Não é por acaso que a Bíblia preocupa-se em trazer à tona importantes ensinamentos sobre a disposição cristã de servir.¹⁰ É nesse sentido que precisamos estudar sobre esse assunto de tão grande relevância ensinado pelo Mestre Jesus.

Dois questionamentos são norteadores da exposição e da argumentação deste capítulo, a saber: o que significa servir, na perspectiva e no ensinamento de Jesus? Como Jesus serviu àqueles que estavam inseridos em seu contexto? São essas questões que iremos analisar no decorrer deste capítulo.

2.1 OS MILAGRES COMO SERVIÇO

Jesus serviu por meio dos milagres. O conceito de milagre na bíblia sagrada é muito mais amplo e diferente em relação aos conceitos de cura. Existem curas milagrosas e extraordinárias. Todavia, existem milagres que não são curas. O fato é que os escritores bíblicos fazem essa distinção.

Neste item do trabalho elencamos os milagres de Jesus a fim de ilustrá-los como serviço. Ressaltamos que a ordem da apresentação não significa que seja a ordem cronológica.

Assim, o primeiro milagre é a transformação da água em vinho (João 2:1-11). No texto bíblico, João afirma que havia ali seis talhas de pedra, de acordo com o costume judeu de purificação, e que cada uma (das jarras) tinha capacidade para duas ou três medidas. Hendriksen declara que uma medida equivalia “cerca de 32 litros; assim, cada talha podia conter até cerca de cem litros de água. Portanto, as seis jarras podiam armazenar até cerca de seiscentos litros de água! Por que o texto declara esse fato? Obviamente, o propósito é enfatizar a grandeza de Cristo.”¹¹ Kistemaker ressalta que

¹⁰ LIÇÕES Bíblicas. **Academia espiritual**. Exercícios devocionais para sobreviver e se fortalecer na vida cristã. 320 ed., São Paulo: Igreja Adventista da Promessa, 2017, p. 72.

¹¹ HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 159.

Jesus não falou nenhuma fórmula mágica, não tocou na água e não orou a Deus por um milagre. Não houve exibição de poder, nenhum grande truque, nenhuma mágica manual. Jesus simplesmente pediu a um dos servos que tirasse um pouco da água desses potes e a levasse ao chefe dos garçons. E então o milagre de transformar água em vinho aconteceu.¹²

No que concerne ao segundo milagre, esse consiste no acontecimento em que Jesus acalma uma tempestade (Mateus 8:23-27; Marcos: 4:35-41; Lucas 8:22-25). Muitos estudiosos identificam este tipo, como milagres ou domínios da natureza. Especificamente sobre este milagre, Hendriksen realiza uma interpretação sobre o verbo acalmar, o autor relata que

Há aqueles que defendem que esse verbo implica um objeto animado. Eles dizem que essa inferência é reforçada por Marcos 4.39, que é, então, traduzido como: “Acalma-te! Cala-te!” Mas, para começar com o último, uma palavra nem sempre mantém o seu sentido básico, ou sua conotação primária. “Silêncio” [ou; Paz!] “Acalma-te! Pare!” é a maneira mais comum de se expressar, e também melhor traduz o texto de Marcos 4.39. Em relação à expressão: “Ele repreendeu”, devemos nos lembrar que Marcos não diz que Jesus “repreendeu o diabo”, “os demônios”, ou “os espíritos maus que estavam no vento”. Ele simplesmente diz que “Jesus repreendeu o vento”.¹³

Dias Lopes ensina que “o contexto mostra que Jesus tem poder sobre a natureza, [...] os ventos escutam sua voz, e o mar se aquieta diante de sua ordem.”¹⁴

Os outros milagres que demonstram o poder e a soberania de Jesus tais como os da alimentação dos cinco mil (Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44; Lucas 9: 10-17; João 6: 1-13) e a alimentação dos quatro mil (Mateus 15: 29-39; Marcos 8:1-10), os quais são conhecidos por muitos como a multiplicação de pães e peixes. O teólogo Kistemaker afirma, de forma contundente, que

Os escritores dos Evangelhos registram dois milagres de alimentar uma multidão: cinco mil pessoas e quatro mil pessoas. Algumas pessoas crêm que se trata de um só e mesmo milagre, apresentado como dois casos diferentes. Mas a comprovação esmagadora mostra que há duas ocasiões, duas situações, dois lugares e dois métodos contrastantes. Num dos relatos, as pessoas estão com ele por um dia só; no outro, elas ficam lá por três dias. Até mesmo Jesus se refere a esses dois incidentes quando ele interroga os discípulos sobre a quantidade de sobras de comidas que tinham reunido. Na primeira ocasião eles responderam que havia doze cestos cheios e, na segunda, sete.¹⁵

¹² KISTEMAKER, Simon J. **Os Milagres de Jesus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 15.

¹³ HENDRIKSEN, William. **Marcos**: comentário do Novo Testamento. 1 ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 232-233.

¹⁴ DIAS LOPES, Hernandes. **Mateus**: Jesus, o rei dos reis. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 275.

¹⁵ KISTEMAKER, *Op. Cit.*, p. 30.

Outro milagre que demonstra o domínio de Cristo sobre a natureza é quando Jesus anda sobre as águas (Mateus 14:22-33; Marcos 6:45-52; João 6:16-21). Kistemaker declara que “Jesus tinha poder total sobre a natureza; ele tinha a capacidade de desafiar as leis da gravidade e da liquidez. As forças físicas eram totalmente submissas a ele.”¹⁶

As Escrituras relatam ainda outros milagres de Jesus, a saber: Jesus pagando imposto no templo (Mateus 17: 24-27); a figueira sendo amaldiçoada (Mateus 21:18-22); a primeira pesca (Lucas 5:1-11); a segunda pesca em que Jesus aparece a sete discípulos (João 21:1-14).

Em relação à temática do milagre, Rossi e Silva definem o termo nas seguintes palavras:

O termo “milagre”, da língua portuguesa, provém do latim *miraculum*, do verbo *mirari*, admirar. Significa, basicamente, acontecimento admirável, extraordinário, e se refere a eventos que causam admiração pelo seu caráter incomum. Compreende, normalmente, um evento que altera as leis normais da natureza. Implica, pois, uma intervenção de Deus. A palavra milagre serve para traduzir diversos termos e situações bíblicas, embora não haja nas línguas bíblicas, tanto a hebraica como a grega, um termo que corresponda exatamente à palavra milagre das línguas neolatinas. O termo grego que corresponde ao latim *miraculum* (milagre) seria *thauma*, usado para exprimir algo extraordinário, maravilhoso, que pode provocar tanto admiração como horror. Daí provém a palavra taumaturgo, que designa a pessoa que opera milagres. Porém, a Bíblia praticamente não utiliza o termo *thauma*. Tanto a tradução dos Setenta, que verteram a Bíblia hebraica para o grego, como o Novo Testamento, escrito inteiramente em língua grega, muito raramente aplicam *thauma* e, quando o fazem, não é com o sentido preciso de acontecimento milagroso. Outros termos gregos correspondentes a ações milagrosas seriam *dýnamis* (força, obra poderosa), *semêion* (sinal), *téras* (prodígio, maravilha). Cada um deles pode ser utilizado, na Bíblia, para se referir a milagre, embora tenham conotações diferentes.¹⁷

Ainda sobre o tema em questão, o historiador eclesiástico Cairns, tratando sobre o ministério de Jesus e de seus milagres, declara que

Os milagres de Cristo foram numerosos e constituem parte integrante do Seu ministério. Eles revelam a glória de Deus e mostram que Cristo era o Filho de Deus (Jo. 3:2), a fim de que a fé pudesse se seguir. Estes milagres são chamados de poder, obras, maravilhas e sinais [...]. Os milagres podem ser definidos como fenômenos não explicáveis pela lei natural conhecida e que são feitos por uma intervenção especial da Divindade para propósitos morais. A possibilidade e probabilidade dos milagres são demonstradas pela existência de registros históricos que dão conta destes milagres como fatos históricos. A pessoa e obra de Cristo receberam autenticação de muitos contemporâneos Seus por causa dos milagres que Ele realizou.¹⁸

¹⁶ KISTEMAKER, *Op. Cit.*, p. 27.

¹⁷ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. SILVA Valmor da. (Org.) **Milagres na Bíblia**. Coleção Temas Bíblicos. São Paulo: Paulus, 2017, p. 6-7 – grifo do original.

¹⁸ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. Tradução Israel Belo de Azevedo. 2 ed., São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 43.

Finalmente, nas palavras do apologista cristão William Lane Craig, “os milagres de Jesus, portanto, provam que ele foi um mestre enviado por Deus que tinha um chamado divino.”¹⁹

2.2 AS CURAS COMO SERVIÇO

Os milagres se caracterizam de forma marcante no início do ministério de Jesus. Poythress afirma que “o ministério de Jesus inclui muitos milagres de curas”²⁰, os quais são elencados por ele. Segundo Poythress, “a lista contém não somente enfermidades físicas, mas também opressão de demônios.”²¹ Jesus dedicou grande parte de seu ministério à realização de cura, de exorcismo e de ensino, servindo a todos aqueles que careciam de ajuda e que não tinham ninguém a recorrer.

Na presença de Jesus, os homens se apresentam como pecadores, frágeis e doentes, desprezados pela sociedade. Todos se aproximam dele desejando a cura. E Jesus amava servir as pessoas. De acordo com Shedd, “a servilidade, para Jesus, demonstra-se na sua preocupação por outras pessoas e suas necessidades, especialmente, daqueles que eram desprezados e rejeitados pela própria sociedade.”²² Dessa forma, observamos que Jesus não media esforços para se doar para aqueles que tanto necessitavam de sua ajuda. Zuck afirma que “Jesus foi comissionado a pregar para o pobre, a proclamar libertação para os cativos, a dar visão para o cego, a libertar o oprimido e a oferecer perdão.”²³

Em relação aos milagres, Sproul declara que “Jesus realizou muitos milagres, no decorrer de seu ministério.”²⁴ Essa afirmação é ratificada por Nicodemos, o autor afirma que “em dois mil anos de história do cristianismo, nunca ninguém conseguiu superar os milagres de Jesus.”²⁵ Jesus foi mestre em milagres²⁶. Os milagres e as curas realizadas por Jesus eram tão surpreendentes que não eram limitados por fatores como tempo, distância e preconceito.

¹⁹ CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea**: a veracidade da fé crista. Tradução A. G. Mendes, Hans Udo Fuchs, Valdemar Kroker. 2 ed., São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 242.

²⁰ POYTHRESS, Vern S. **Milagres de Jesus**. Como os atos poderosos do Salvador servem de sinais da redenção. Tradução de Daniel Kroker. 1 ed., São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 123.

²¹ POYTHRESS, *Op. Cit.*, p. 123.

²² SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa**: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. Tradução Edmilson E Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 28.

²³ ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Lena Aranha. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 125.

²⁴ SPROUL, R. C. **A Oração Muda as Coisas?** Série Questões Cruciais. 1 ed., São José dos Campos - SP: Editora Fiel, 2012, p. 27.

²⁵ NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja** - doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. 1 ed., São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 174.

²⁶ KIVITZ, Ed René. **Talmidim**. O passo a passo de Jesus. São Paulo: Mundo cristão, 2012.

Bastava uma palavra ou ordem e logo acontecia o que Jesus ordenava; seu poder e autoridade eram imensuráveis.

O teólogo Kistemaker afirma que “Jesus curava os doentes de seus dias simplesmente dizendo uma palavra a certa distância do paciente ou com um simples toque. Jesus provou ser o Grande Médico cujo o poder de cura era ilimitado.”²⁷ Jesus realizou diversos tipos de milagres: Ele curou os enfermos, alimentou os famintos e atendeu as necessidades dos pobres.²⁸

Os milagres de Jesus são tão ensinados que se tornaram bastante conhecidos no decorrer da história e na teologia. Diante disso, Hurtado declarou que “os leitores do NT estão familiarizados com as histórias de curas milagrosas do ministério de Jesus relatadas pelos Evangelhos.”²⁹ Consequentemente, os milagres de Jesus não são segredo para ninguém.

Embora Jesus tenha tomado forma humana, não abnegou o seu poder. Sobre essa questão, Shedd esclarece que o “servilismo para Jesus não significou renúncia de poder. Seu ministério irradiou poder, curas, exorcismos, ensino e desafios à religiosidade hipócrita. Contudo, Jesus renunciou ao uso de poder para seu próprio conforto, fama ou satisfação.”³⁰ A partir dessa assertiva compreendemos que Jesus não usou seu poder ou realizou curas e milagres como forma de exibição, sensacionalismo ou ostentação. Jesus não servia o próximo com o propósito de aparecer, ter fama e galgar cargos políticos; nem com o intuito de receber honra e aplausos das pessoas. Assim sendo, é possível afirmar que “tais milagres, porém, não possuem função propagandística.”³¹ Conforme John R. W. Stott, os milagres de Jesus “nunca foram realizados como exibição de poder ou de forma insensata. Seu propósito não era chamar a atenção ou demonstrar autoridade.”³² Muito pelo contrário, Jesus realizava milagres pensando e compreendendo aqueles que estavam em sua volta, os quais careciam de sua ajuda, de sua atenção, de seu milagre e, principalmente, de sua salvação.

Jesus servia aqueles que não podiam lhe dar nada em troca. Servia tanto crianças quanto leprosos, cegos, coxos e marginalizados, bem como servia os excluídos da sociedade. Jesus alimentou o faminto, ouviu as pessoas solitárias, todos podiam vir a Jesus a fim de receberem consolo. De acordo com Louis Berkhof, “as características dos milagres de cura do

²⁷ KISTEMAKER, *Op. Cit.*, p. 55.

²⁸ KELLER, Timothy J. **O Deus prodigo**: descubra a essência da fé crista na parábola mais tocante de Jesus. Tradução André Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p. 145.

²⁹ HURTADO, Larry W. **As origens da adoração cristã**: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. Tradução A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 76.

³⁰ SHEDD, *Op. Cit.*, p. 27.

³¹ ROSSI; SILVA, *Op. Cit.*, p. 60.

³² STOTT, John R. W. **Cristianismo básico**. Viçosa - MG: Ultimato, 2007, p. 39.

Senhor mostram claramente sua grande empatia.”³³ Jesus via as pessoas além de suas aparências, tendo sido essa a ação de Jesus durante todo seu ministério. Foi tomado de compaixão e sempre motivado pela necessidade do outro que o Filho de Deus supria sua própria necessidade.

Porém, devemos lembrar que Jesus não era um simples milagreiro que saía distribuindo curas ou realizando milagres sem sentidos ou sem propósitos. Allen ensina que

Jesus se inclinava a fazer milagres de misericórdia para satisfazer às necessidades humanas, e, no entanto, se eximiu de fazer o papel de “milagreiro” e afastou-se de seguidores cuja “fé” dependia de milagres. Para Jesus, os milagres eram atos de misericórdia, bem como sinais escatológicos de que o reino de Deus havia vindo, e os seus poderes já estavam derrotando o reino de Satanás, ao vencer o pecado, a doença, os demônios e a morte.³⁴

Havia, portanto, um propósito nas ações de Jesus. Sobre esse aspecto, Zuck esclarece que “os milagres de Jesus serviam como sinais que atestavam a vindicação da identidade e das afirmações de Jesus por parte de Deus.”³⁵ Em outras palavras, isso implica em afirmar que os milagres de Cristo demonstravam que Ele vinha da parte de Deus e que o Reino de Deus havia chegado em sua pessoa e obra. Por esse motivo, Ele irradiou poder, curando e salvando pessoas de doenças horríveis e incuráveis, bem como libertou e salvou os oprimidos pelo pecado e pelo diabo.

Ladd declara que “a presença do Reino de Deus em Jesus significava a libertação da hemorragia (Marcos 5:34), da cegueira (Marcos 10:52), da possessão demoníaca (Lucas 8:36) e até mesmo da própria morte (Marcos 5:23).”³⁶

Finalizamos este item enfatizando o exposto pelo evangelista Mateus quando afirma sobre as curas realizadas por Jesus. Mateus 9.35 declara: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, [...] curando toda sorte de doenças e enfermidades.”³⁷ O verso exposto comprova por meio da própria Palavra de Deus que Jesus serviu através de seus milagres. Ele curou portadores de toda sorte de enfermidades. Jesus curou cegos, surdos, leprosos, epiléticos, aleijados e inválidos em geral. Não havia doença ou mal que ele não pudesse curar.

³³ BERKHOF, Louis. **Introdução ao Novo Testamento**. Traduzido por Degmar Ribas e Michael Ribas. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p.77.

³⁴ ALLEN, Clifton, (ed. ger.). **Comentário Bíblico Broadman - Artigos Gerais: Mateus e Marcos**. Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. v. 8, 3, ed., Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986, p. 161.

³⁵ ZUCK, *Op. Cit., Loc. Cit.*

³⁶ LADD, George Eldon, **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar R. Júnior. SP: Editora Hagnos, 2001, p. 72.

³⁷ BÍBLIA Português. **Bíblia de estudo Genebra**. 2. ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil/Cultura Cristã, 2009, p. 1244.

2.3 OS EXORCISMOS COMO SERVIÇO

As narrativas de exorcismos praticados por Jesus, segundo os relatos dos Evangelhos sinóticos, têm por base o Evangelho de Marcos. Embora Mateus e Lucas também as apresentem, todavia, é Marcos quem mais as enfatiza. Conforme Dias Lopes, em meio aos Evangelhos sinóticos, “Marcos, mais do que qualquer outro evangelista, enfatiza o poder de Jesus para expulsar demônios. Jesus é poderoso em palavras e também em obras.”³⁸

Em relação a essas narrativas no Evangelho de João, Hendriksen afirma que não há “nenhuma narrativa com respeito à expulsão de demônios.”³⁹ Informação ratificada em Dias Lopes, o autor afirma que “não há nenhum episódio de expulsão de demônios”⁴⁰, o que nos permite afirmar, portanto, que não há narrativas de exorcismos, nem sumários relativos a esse tema no Evangelho Joanino.

A grande quantidade de espaço dedicado às curas e aos exorcismos no Evangelho de Marcos prova que esse evangelista conhecia e venerava a Jesus como operador de milagres. No que compete ao exorcismo, esse se distingue da doença normal causada por meio natural e, até mesmo, da existência de alguma doença, sobretudo, de ordem psíquica. De acordo com Ladd,

Com frequência, nos Evangelhos Sinóticos verificamos que a possessão demoníaca é diferenciada de outras doenças. Jesus curou tanto aos doentes quanto aos que se encontravam possuídos por demônios (Marcos 1:32). A possessão demoníaca é distinguida por epilepsia e paralisia (Mateus 4:24), da enfermidade e lepra (Mateus 10:8). Contudo, o exorcismo de demônios foi um dos atos de poder mais característicos realizados por Jesus.⁴¹

As palavras de Ladd nos permitem compreender que a possessão diabólica é a mais grave atividade demoníaca, pelo fato dos demônios se apossarem do corpo da vítima, colocando doenças e enfermidades muito graves. Em relação ao senhorio de Jesus, é interessante notar que, não só as pessoas percebiam a presença de Jesus, os demônios também reconheciam sua presença, seu senhorio e sua autoridade. Kistemaker ratifica que

Quando Jesus começou seu ministério público, Satanás soltou todos seus anjos demoníacos com instruções para que se opusessem ao filho de Deus e infligissem todas as doenças e transtornos físicos conhecidos sobre as pessoas. Os demônios logo reconheceram que eles eram incapazes de resistir ao poder de Jesus sobre eles. Quando ele falava, eles tinham que partir. O comando dele bastava para mandá-los de volta a Satã, de quem tinha vindo.⁴²

³⁸ DIAS LOPES, 2006, p. 95.

³⁹ HENDRIKSEN, 2004, p. 50.

⁴⁰ DIAS LOPES, Hernandes Dias. **João**: as glórias do Filho de Deus. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 17,

⁴¹ LADD, *Op. Cit.*, p. 49.

⁴² KISTEMAKER, *Op. Cit.*, p. 101.

O poder e a presença de Cristo eram tão evidentes que o escritor e evangelista Marcos narra que quando um homem endemoninhado viu a Jesus na sinagoga de Cafarnaum, reconheceu-o e clamou: “Que temos nós contigo, Jesus, nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus” (Marcos 1:24).⁴³ Ao comentar sobre esse fato, Ladd afirma que

o reconhecimento da pessoa de Jesus pelos demônios foi direto e imediato. Não se fundamentava na observação e interpretação das palavras e atos de Jesus; não se tratava de um conhecimento inferencial, adquirido; era, antes, um reconhecimento intuitivo de um tipo sobrenatural.⁴⁴

Ladd certifica ainda que “o demônio reconheceu naquele instante um poder sobrenatural em Jesus, que era capaz de destruir o poder satânico aqui e agora.”⁴⁵

Outro episódio muito interessante narrado por Marcos consiste no caso do endemoninhado gadareno. Diferentemente do endemoninhado de Cafarnaum, o de Gadara estava completamente possuído, o que eliminava sua personalidade e permitia que os demônios manipulassem todas as suas faculdades sensoriais. Todavia, Jesus libertou aquele oprimido do diabo. Aquele homem já havia perdido suas faculdades mentais e físicas; ele foi completamente apoderado pela ação do mal, a ponto das entidades malignas se apossarem e tomarem conta de todo seu corpo. Sobre as habilidades e as descrições dos demônios, Ladd comenta que

Nos Evangelhos Sinópticos, a evidência mais característica do poder de Satanás é a habilidade demonstrada pelos demônios de apossar-se do centro e controle das personalidades dos indivíduos. Os demônios são representados claramente como espíritos malignos sobrenaturais.⁴⁶

No mesmo sentido, Kistemaker ratifica a descrição dos demônios e, ainda, enfatiza a superioridade inquestionável de Jesus em relação a esses seres. O autor declara que, “como Filho de Deus, Jesus possuía autoridade que não podia ser comparada ao poder de anjos caídos mostravam. Ele era muitíssimo superior a eles.”⁴⁷ Kistemaker conclui que “os demônios tremiam em submissão a ele [Jesus]”⁴⁸. Os agentes de satanás não podiam se opor, muito menos resistir diante do poder que Jesus demonstrava e exercia. Dessa forma, pode-se

⁴³ BÍBLIA, Português. **Bíblia Shedd**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. 2 ed., Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB); São Paulo - SP: Vida Nova, 2013a, p. 1325.

⁴⁴ LADD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

⁴⁵ LADD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

⁴⁶ LADD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

⁴⁷ KISTEMAKER, *Op. Cit., Loc. Cit.*

⁴⁸ KISTEMAKER, *Op. Cit.*, p. 8.

afirmar que “os exorcismos de Jesus eram visto como momentos vitoriosos na continua luta com Satanás.”⁴⁹

Segundo Ladd, “o exorcismo de demônios é a evidência mais notável da presença do domínio soberano de Deus.”⁵⁰ O autor acentua que “um dos milagres mais característicos de Jesus foi o exorcismo de demônios. Jesus deixou o povo maravilhado porque através de suas ordens os homens foram imediatamente libertados da escravidão satânica.”⁵¹ Isso mostra que, o serviço de Jesus não foi seletivo, exclusivo ou discriminatório, antes abrangia a todas as pessoas, Ele serviu a todos sem fazer distinção ou acepção: homens e mulheres; idosos e crianças; judeus e estrangeiros; religiosos e pecadores; gente que o amava e gente que o perseguia. Muitas dessas pessoas foram libertas pelo poder de Jesus, assim como aquele homem gadareno excluído da sociedade pelo modo como se encontrava.

Ainda sobre o exorcismo como serviço, Ladd argumenta que essa prática também constituiu uma forma de proclamar as boas novas do Reino de Deus. Nas palavras do autor lemos: “o ministério e a proclamação do Senhor das boas novas do Reino se caracterizaram por curas e, de forma mais notável, pela expulsão de demônios. Ele proclamou as boas novas do Reino de Deus e as demonstrou livrando homens da escravidão de Satanás.”⁵²

Como cada um dos escritores dos Evangelhos sinóticos demonstra, de sua própria maneira, que o curso do ministério de Jesus em sua primeira vinda, em geral, caracterizou-se pela humilde submissão em dedicar a vida ao serviço de Deus e das pessoas, amando, curando, libertando e servindo.

2.4 A MORTE (MC 10:45) COMO SERVIÇO

O maior e mais profundo ato de amor e de serviço que Jesus demonstrou, sem dúvida, aconteceu no Calvário. A sua morte foi a maior manifestação de seu amor como servo. Durante sua morte na cruz do Calvário, Jesus Cristo realizou o mais profundo ato de serviço para toda a humanidade que se encontrava perdida e sem nenhuma expectativa de vida futura. Jesus serviu com sua vida, em sacrifício, pagando, ali, a dívida que tínhamos diante de Deus. A sua morte, além de ter sido um ato de amor, foi um ato de justiça e de serviço para todos.

⁴⁹ BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André - SP: Academia Cristã/Paulus, 2011, p. 73.

⁵⁰ LADD, *Op. Cit.*, p. 257.

⁵¹ LADD, *Op. Cit.*, p. 63.

⁵² LADD, George Eldon, **O evangelho do reino:** estudos bíblicos sobre o reino de Deus. Tradução Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2008, p. 48.

Ao observarmos a vida de Jesus, é possível afirmar que toda sua vida constituiu um ato de serviço, uma entrega aos seus. Essa entrega teve seu ponto culminante na cruz do calvário, constituindo-se na maior expressão do serviço de Cristo em favor dos seus.

Muitos estudiosos apresentam suas considerações sobre a morte como serviço de Jesus. Stott, por exemplo, afirma que “a cruz de Cristo é o símbolo do serviço sofredor.”⁵³ O teólogo Morris, por sua vez, declara que

A morte do Filho do Homem não é uma tragédia, mas um exemplo de *serviço* em que ele liberta seu povo da escravidão em que o pecado o encerrara. O resgate e o preço pago para libertar da escravidão ou da sentença de morte; essa frase nos emudece diante do pensamento do preço que Cristo pagou e da liberdade para a qual ele nos comprou.⁵⁴

Sobre a morte de Jesus, Ladd afirma que a morte de Cristo é “a manifestação mais elevada de toda a sua vida de serviço a Deus e ao homem.”⁵⁵ O amor e serviço que Jesus demonstrou com sua morte não foi simplesmente um sentimento, e sim uma entrega, uma doação em prol da humanidade.

A forma como Jesus se apresentou como servo e sofreu a serviço da humanidade, através de sua morte na cruz do calvário, reflete seu amor e serviço, isto é, demonstra seu amor. Stott, ao tratar sobre a morte de Jesus e a forma como se colocou, explica que

O Servo não seria servido, mas serviria, e completaria o seu serviço através do sofrimento, especialmente dando a sua vida como resgate em lugar de muitos. Era somente por meio do serviço que ele seria servido, somente pelo sofrimento que ele entraria na sua glória.⁵⁶

Stott declara ainda que “a natureza da sua morte foi sofrer a penalidade pelos nossos pecados, e o seu propósito resgatar-nos da antiga era e transferir-nos à nova, na qual recebemos graça e paz no presente e Deus recebe glória para sempre.”⁵⁷

Retomamos a exposição de Ladd a fim de ilustrar a qualidade do amor demonstrado por Jesus no Calvário. Com sua maestria teológica, Ladd argumenta que

Na morte de Cristo, todos os homens morreram. A morte de Cristo foi, de algum modo, a morte de todos os homens. Na morte de Cristo eu morri; eu experimentei a condenação do pecado; tudo que a culpa do pecado merece da ira de Deus foi cumprido na morte que eu morri em Cristo. É este o fato objetivo, que é a suprema

⁵³ STOTT, John. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 143.

⁵⁴ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 123 - grifo do original.

⁵⁵ LADD, *Op. Cit.*, p. 176.

⁵⁶ STOTT, *Op. Cit.*, p. 65.

⁵⁷ STOTT, *Op. Cit.*, p. 153.

manifestação do amor de Deus e que tem que ser o centro controlador de minha vida, e a qualidade deste amor vem do fato de a morte de Cristo não ter sido sua própria morte; foi minha. Ele não morreu apenas como meu representante; ele morreu *em meu lugar*, pois é por causa de sua morte que serei poupado dessa morte. Ele morreu a minha morte por minha causa e em meu lugar.⁵⁸

Na mesma linha de raciocínio, citamos o Reverendo Hernandes Dias Lopes. O autor declara que

Ali ele assumiu a nossa culpa. Ali ele carregou sobre o seu corpo, no madeiro, os nossos pecados. Ali ele esvaziou o cálice da ira de Deus, fazendo-se pecado por nós, morrendo a nossa morte, pagando com o seu sangue o nosso resgate. Em sua vida sem pecado, Jesus obedeceu à lei por nós. Em sua morte vicária, Jesus cumpriu a lei por nós, sofrendo o justo castigo que os nossos pecados merecem, a morte. Nós morremos com Cristo. Estávamos pregados naquela cruz. Quem morre, justificado está do pecado. Quem morre não deve mais nada à lei. A lei nada pode fazer com um morto. Mesmo que uma pessoa tenha sido sentenciada à prisão perpétua, quando morre, a lei perde o seu poder sobre ela. A lei não tem poder de alcançar uma pessoa morta. Quando Cristo morreu, ele morreu pelos nossos pecados. Quando Cristo morreu, morremos com ele. A morte de Cristo foi a nossa morte. Ele morreu a nossa morte, para vivermos a sua vida. A nossa dívida foi paga, a justiça foi satisfeita, a justificação foi declarada, a salvação foi garantida.⁵⁹

Além disso, Mateos e Barreto ressaltam sobre a necessidade de reconhecermos a morte de Jesus como condição para recebermos a vida. Para eles, “a condição para receber a vida é, portanto, reconhecer o amor de Deus expresso na morte de Jesus e, vendo nele o modelo de Homem, o filho único de Deus, tomar este amor por norma da própria vida.”⁶⁰ Dessa forma, podemos nos achegar a Deus por meio do sacrifício que Cristo realizou através de sua morte, sendo esse o maior serviço de todos os tempos.

A morte de Cristo foi algo tão horrível, foi angustiante ao extremo, ao ponto de Lucas, segundo Stott, recusar-se a descrever o desnudamento, a pregação dos cravos, ou a distensão violenta dos seus membros enquanto a cruz era erguida e atirada no seu lugar.⁶¹ Todo esse sofrimento, toda essa angústia física, psicológica e espiritual Jesus passou por toda a humanidade para o perdão do pecado e para que todos, em resposta a esse sacrifício, cressem na salvação que Ele, o Cristo Jesus, nos dá por meio de sua morte e de um amor tão sublime e incomparável. Foi por esse perfeito amor que Deus pai entregou seu único filho em favor da humanidade. Ao falar desse favor imerecido, Stott se expressa nas seguintes palavras:

⁵⁸ LADD, *Op. Cit.*, p. 401 - grifo do original.

⁵⁹ DIAS LOPES, Hernandes Dias. **As faces da Espiritualidade**. São Paulo: Editora Candeia, 2000, p. 18.

⁶⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 287.

⁶¹ STOTT, *Op. Cit.*, p. 34.

A maravilha do amor de Deus deve ir além da compreensão. Deus podia, com justiça, ter-nos abandonado ao nosso próprio destino. Ele podia ter-nos deixado sozinhos para colhermos o fruto de nossos erros e perecermos em nossos pecados. É isso o que merecíamos. Mas ele não nos abandonou. Por causa do seu amor por nós, ele veio procurar-nos em Cristo. Ele nos foi ao encalço até mesmo na desolada angústia da cruz, onde levou o nosso pecado, a nossa culpa, o nosso juízo e a nossa morte. É preciso que o coração seja duro e de pedra para não se comover face a um amor como esse. É mais do que amor. Seu nome correto é "graça", que é o amor aos que não o merecem.⁶²

No trecho em destaque, Stott enfatiza o maravilhoso amor de Deus, o qual nos livrou da condenação que merecíamos.

Ainda no que se refere a morte de Jesus como serviço, é válido esclarecer que a morte de Cristo foi planejada por Deus antes da fundação do mundo, isto é, a morte do Filho de Deus já estava em seus perfeitos desígnios com o objetivo de remir o homem do pecado. Dias Lopes declara que “a morte de Cristo não aconteceu simplesmente porque Judas o traiu por dinheiro, ou porque os principais sacerdotes o entregaram por inveja, nem mesmo porque Pilatos o sentenciou por covardia.”⁶³ O autor declara ainda que Jesus “foi crucificado porque o Pai o entregou por amor. Ele morreu pelos nossos pecados. A sua morte sempre esteve nos propósitos inescrutáveis de Deus.”⁶⁴

Stott, de forma perfeita, também menciona sobre o Pai ter entregado o Filho. O estudioso explica que

É essencial que conservemos juntos estes dois modos complementares de olhar para a cruz. No nível humano, Judas o entregou aos sacerdotes, os quais o entregaram a Pilatos, que o entregou aos soldados, os quais o crucificaram. Mas, no nível divino, o Pai o entregou, e ele se entregou a si mesmo para morrer por nós. A medida que encaramos a cruz, pois, podemos dizer a nós mesmos: “*Eu* o matei, meus pecados o enviaram à cruz”; e: “*ele* se matou, seu amor o levou à cruz”.⁶⁵

Ao abordar sobre o angustiante sofrimento de Cristo e o que Ele sentiu, o teólogo Douglas Wilson relata que

O que fez com que as misérias de Cristo sobre a cruz fossem tão difíceis de suportar não foi o escárnio, nem a tortura, nem o abuso dos homens maus, foi o fato de que ele levou sobre si todo o peso da fúria divina contra o pecado. Os sofrimentos mais dolorosos de Jesus foram não somente aqueles infligidos pelos cravos, pregos e espinhos, a mais excruciante agonia que Cristo suportou foi a plena penalidade pelo pecado em nosso favor - a ira de Deus derramada sobre ele em medida infinita.⁶⁶

⁶² STOTT, *Op. Cit.*, p. 36.

⁶³ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 17.

⁶⁴ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

⁶⁵ STOTT, *Op. Cit.*, p. 26 – grifo do original.

⁶⁶ WILSON, Douglas. (Org.). **Eu não sei mais em quem tenho crido**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Crista, 2006, p. 88.

É válido destacar que, a fim de nos alertar, o teólogo Wilson faz questão de lembrar que “o teísmo relacional reafirma a velha mentira liberal de que ele foi basicamente um mártir, uma vítima da humanidade - entregue a morte nas mãos de homens maus. Mas a Escritura diz que ele era o Cordeiro de Deus, uma vítima da ira divina.”⁶⁷

Compreendemos que a morte de Jesus tinha como propósito salvar a humanidade e uni-la a Cristo salvando-a da ira vindoura e do Juízo final, bem como proporcionar a perfeita paz com Deus. De modo a enfatizar o propósito da morte de Jesus, citamos Jeremias, o autor afirma que “a morte de Jesus, por seu valor vicário, obteve de uma vez por todas o perdão total e restabeleceu a plena comunhão de vida com Deus.”⁶⁸ Jeremias conclui que a "virtude expiatória da morte de Cristo tem valor para a eternidade e desconhece limites."⁶⁹

Dessa forma, podemos afirmar que Jesus nasceu com um objetivo: morrer pelos nossos pecados. Esse era o preço exigido para nossa salvação, tendo sido também a iniciativa divina de Deus em nos amar, demonstrando esse amor através da morte de Jesus como serviço em prol da humanidade. Jesus nos serviu com sua vida, se entregando de forma voluntária e amorosa. Essa foi a tarefa de Cristo: servir com a própria vida, com seu sangue e com sua morte em prol da raça humana a fim de possibilitar salvação a todos aqueles que procedem de toda tribo, povo, língua e nação.

2.5 O SERVIÇO NOS ENSINOS DE JESUS

Outro fato notável na vida de Jesus está relacionado aos ensinamentos deixados por Ele. Esses transcendem o tempo e ganham um aspecto absolutamente novo. Por meio de seus ensinamentos é possível observar que Jesus se apresenta como alguém sem igual, diferente de todos os mestres que o antecederam, bem como de seus contemporâneos. Ninguém ensinava como Jesus! Dessa forma, não somente os milagres e as curas se destacam na pessoa de Jesus Cristo, mas também os seus ensinamentos, o exímio Mestre Jesus ensinou de forma tão perfeita que suplantou a todos os mestres e rabinos de sua época. E, até mesmo nos dias atuais, ninguém se assemelha a Jesus. Sobre o aspecto do ensino, Price afirma que “ninguém esteve melhor

⁶⁷ WILSON, *Op. Cit.*, p. 88.

⁶⁸ JEREMIAS, Joachim, **A mensagem central do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda., 2005, p. 41.

⁶⁹ JEREMIAS, *Op. Cit.*, p. 45.

preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. No que toca às qualificações, bem como noutros mais respeitos, Jesus foi o mestre ideal.”⁷⁰

Jesus foi excelente em tudo que ensinou, os Evangelhos nos dão uma ideia de como Ele ensinava. Jesus utilizava muitas parábolas e figuras de linguagem, as quais enriqueciam seus ensinamentos. Em suas lições, Ele levava seus ouvintes a observar os pássaros, os lírios do campo, o vento, a figueira, o copo de água fria e até os fios de cabelos de nossa cabeça, elementos a partir dos quais ensinava lições sobre o cuidado e a proteção de Deus para com seus filhos.

Em tudo isso, o objetivo de Jesus era direcionar os olhos e os pensamentos dos que o ouviam para as coisas espirituais; levar a mente do homem a um contato com a mente de Deus. Os escritores sinóticos são unânimes em enfatizar os ensinamentos do Mestre Jesus, Tenney esclarece que

Na descrição que Marcos nos dá das atividades do Senhor Jesus Cristo há catorze referências ao fato de que ele se dedicava ao ensino da multidão ou de seus discípulos. Lucas e Mateus também mencionam muitas vezes suas atividades de mestre. Seu deleite era ensinar, e sua capacidade de mestre fica bem demonstrada na maneira como seus discípulos se lembravam de suas palavras e as repetiam a outros.⁷¹

É válido ressaltar que os ensinamentos de Jesus não eram um pacote de teorias e especulações. Ele nunca se interessou em atrair seus ouvintes para um estudo de teoria e opiniões humanas, muito pelo contrário, Ele era um Mestre prático; em tudo dava exemplos; sua vida condizia perfeitamente com seus ensinamentos. Não houve em nenhum momento de sua vida ou ministério contradição entre o que Ele ensinava e o que Ele vivia. Logo, o Mestre Jesus foi perfeito em tudo que ensinou e viveu, sendo um verdadeiro exemplo de seus próprios ensinamentos. Sobre esse aspecto, Price afirma que

O fato de viver aquilo que ensinava também inspirava confiança naquilo que dizia. O povo viu corporificado no que ele praticava aquilo que ele queria que eles fizessem. Anotavam como ele se comportava diante da tristeza, da crítica, do desapontamento, da perseguição. O seu modo de viver reforçava e dava peso àquilo que dizia.⁷²

⁷⁰ PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus** - o mestre por excelência. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey. 3 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 6.

⁷¹ TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento** - Sua Origem e Análise. Tradução de Antônio Fernandes. Revisado por Walter M. Dunnett. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 231.

⁷² PRICE, *Op. Cit.*, p. 7-8.

Segundo Price, Jesus “foi cem por cento aquilo que ensinou. Fosse qual fosse o assunto, ele o encarnava e ensinava com transbordamento de toda a sua vida.”⁷³ Em outras palavras, Jesus encarnou absolutamente tudo o que ensinou. Assim, “ninguém esteve melhor preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. No que toca às qualificações, bem como noutros mais respeitos, Jesus foi o mestre ideal.”⁷⁴

No mesmo sentido de Price, Guthrie assevera que “todo o ensino de Jesus nos evangelhos sinóticos é apresentado em um tom moral altamente consistente e nenhum de seus ouvintes jamais o acusou de não viver de acordo com seu próprio ensino.”⁷⁵

O Mestre por excelência foi alguém sem igual. Em outras palavras, o que Ele ensinava, Ele vivia, pois Ele ensinava em palavras e em atitude. Jesus foi exemplo em tudo. Jesus era, ao mesmo tempo, o mensageiro e a mensagem. A ideia de que Jesus consistia na encarnação da palavra é expressa em João 1:1,14, onde lemos as seguintes palavras a respeito de Jesus: “No princípio era o *Logos*, e o *Logos* estava com Deus, e o *Logos* era Deus... E o *Logos* se fez carne e habitou entre nós”.⁷⁶ Os discípulos compreenderam que essa palavra foi encarnada na pessoa de Cristo. Dessa forma, entendemos que Jesus é o *Logos* de Deus, isto é, a palavra encarnada. Geerhardus Vos também assevera que Jesus é “O *Logos* [...] o revelador que expõe a mente interior de Deus.”⁷⁷

Nos ensinamentos de Jesus, o povo encontrava esperança àquilo que a filosofia humana e os intelectuais não podiam oferecer. Jesus ensinava com uma simplicidade inacreditável a homens e a mulheres que estavam repletos de dúvidas existenciais para as quais os líderes de sua época não tinham respostas. Essas pessoas encontravam, nas palavras de Jesus, uma paz que excedia todo e qualquer conhecimento.

Com suas lições práticas e seus exemplos tirados ora do cotidiano, ora da natureza, Jesus ensinava princípios eternos e inquestionáveis, como base para resolver os mais profundos problemas de quem o seguia. Collins destaca que

Quando as pessoas se aproximavam de Jesus, ele geralmente as recebia do jeito que estavam e ouvia suas dúvidas, antes de sugerir qualquer mudança no seu modo de pensar ou de agir. Em algumas ocasiões, ele lhes dizia o que fazer, mas, em outras,

⁷³ PRICE, *Op. Cit.*, p. 7.

⁷⁴ PRICE, *Op. Cit.*, p. 6.

⁷⁵ GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 231.

⁷⁶ LADD, *Op. Cit.*, p. 224.

⁷⁷ VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 415.

ele as ajudava a resolverem seus problemas por meio de perguntas formuladas com muita competência e inspiração divina.⁷⁸

Jesus foi alguém que deixava seus discípulos maravilhados, alguém que ensinava com autoridade, que não se abalava com as críticas e as ameaças que recebia dos líderes religiosos da época. O Mestre por excelência, Jesus Cristo, O Senhor, nunca escreveu ou publicou nenhum livro ou texto, mas seus ensinamentos foram colecionados e imortalizados nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João e nas cartas do Novo Testamento.

A verdade é que, não somente os ensinamentos de Jesus, mas também a maneira com a qual Ele ensinava causava reboliço à época. Havia muitos que se admiravam e se encantavam com suas histórias e, principalmente, com a autoridade com a qual ensinava. Por outro lado, havia outros que se sentiam incomodados, os mestres religiosos da época, em geral, se irritavam com a nova perspectiva que Jesus apresentava.

Ao comparar Jesus com os demais mestres religiosos de sua época, Price, de forma brilhante, esclarece que, “ao contrário dos mestres religiosos do seu tempo, Jesus ensinou com sua própria autoridade. Não ensinou como os escribas, que repetiam e citavam dizeres de outros. Jesus falou movido pela consciente paixão da verdade que fervilhava no seu íntimo.”⁷⁹

Evans também faz uma comparação em relação ao ensino de Jesus com os mestres de sua época, postulando que

Contrastando com o estilo de Jesus de ensinar, os mestres judaicos (cujos ensinamentos sobre a lei e as tradições por fim se tornaram a Mishna e o Talmude) citavam uma infinidade de rabis e de eruditos judaicos ao discutir qualquer ponto de interpretação. [...] O ensino de Jesus, todavia, era direto e explícito. Ele não especulava, nem apresentava sugestões alternativas; jamais apelou para uma autoridade superior a si próprio.⁸⁰

Morris, ao analisar o texto do evangelista Marcos, comenta sobre esse assunto, evidenciando que Marcos diferencia o Mestre Jesus dos mestres de sua época. Segundo Morris, Marcos

ênfaticamente que Jesus era um mestre: ele usa o termo “mestre” 12 vezes (o mesmo número de Mateus, que é bem mais longo), e o verbo “ensinar”, 17 vezes (mais do que qualquer outro livro no Novo Testamento com exceção de Lucas, que também tem 17 ocorrências; Mateus usa o verbo apenas 14 vezes). Ele parece não querer dar a impressão de que o cristianismo é seguir uma lista de preceitos dada por um mestre

⁷⁸ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucilia Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 20.

⁷⁹ PRICE, *Op. Cit.*, p. 15.

⁸⁰ EVANS, Craig A. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**: Lucas. Tradução do Rev. Oswaldo Ramos. São Paulo, Editora Vida, 1996, p. 95.

com autoridade, sem questionar a autoridade do ensinamento. Na literatura rabínica, a ênfase está na importância do que é ensinado, não na importância do rabino que ensina. Para Marcos, o mestre é de suprema importância. Quem Jesus era e o que ele fez e o que realmente lhe importa.⁸¹

A forma e a autoridade com que Jesus ensinava vinham de si mesmo. Ainda segundo Morris, “a originalidade não era altamente prezada entre os rabinos, e era usual acreditar suas palavras ao citar antecessores ilustres. [...] Jesus não fazia nada semelhante, e a autoridade com que falava impressionava os homens.”⁸² No mesmo sentido de Morris, Tenney afirma que “havia exatidão, vigor e autoridade no ensino do Senhor Jesus Cristo, e isso tornou seu ensino mais eficaz do que o de seus contemporâneos. Ele era um mestre cuja perícia em ensinar os ignorantes e os que haviam se desviados era inultrapassável.”⁸³

A autoridade com a qual Jesus ensinava também foi destacada por Allen. O Autor declara que

As multidões ficaram impressionadas com a **autoridade** com que Jesus ensinava. Ele fazia requerimentos supremos, baseado no seu “Eu, porém, vos digo”. Em contrário, os escribas sempre apelavam a rabis anteriores. Mas a autoridade que havia nos ensinamentos de Jesus é vista também na profundidade, verdade e finalidade do que ele disse.⁸⁴

Retomamos ao estudo anterior de Morris, o qual, em sua interpretação sobre a autoridade de Jesus, o estudioso vai além do que já foi exposto, ressaltando que “Jesus ensinou com uma autoridade que os evangelistas não viam em outros mestres e viveu uma vida que era a revelação do próprio Deus.”⁸⁵

Em seus ensinamentos, Jesus abordou vários tipos de assuntos; sendo assim, Collins fez uma síntese afirmando que

Jesus também ensinou sobre casamento, relacionamento entre pais e filhos, obediência, relações inter-raciais e liberdade, tanto para homens, quanto para mulheres. Também ensinou sobre questões íntimas, tais como sexo, ansiedade, medo, solidão, dúvida, orgulho, pecado e desânimo.⁸⁶

Todavia, é válido lembrar que Jesus não foi enviado para abordar todo e qualquer tipo de assunto e de conhecimento, mas para ensinar sobre tudo aquilo que precisamos saber

⁸¹ MORRIS, *Op. Cit.*, p. 118.

⁸² MORRIS, Leon L. **Lucas**. Introdução e Comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 104.

⁸³ TENNEY, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

⁸⁴ ALLEN, *Op. Cit.*, p. 160 – grifo no original.

⁸⁵ MORRIS, 2003, p. 191.

⁸⁶ COLLINS, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

acerca de Deus e de como devemos viver. A respeito dos assuntos a serem abordados nos ensinamentos de Jesus, Vos declara que Ele

Não foi enviado para, nem tinha a intenção de comunicar todo o volume revelável da verdade divina, de modo a fazer que o que precedeu ou o que sucedeu fossem dispensáveis. Ele fez a sua parte no todo, pressupondo o que o Antigo Testamento já havia feito, e lidando com o que os órgãos subsequentes da revelação da verdade do Novo Testamento fariam com a revelação da verdade referente às obras realizadas por ele.⁸⁷

Assim, “as limitações com as quais ele foi enviado foram suficientes para que aquilo que ele veio fazer fosse realizado de modo completo e perfeito.”⁸⁸ Tudo aquilo que Jesus quis falar e ensinar Ele o fez de forma sublime, plena e excelente.

Ainda reportando os temas tratados por Jesus em seus ensinamentos, citamos as palavras do teólogo Tenney, com as quais finalizamos este item 2.5, visto que tais palavras enfatizam uma característica comum dos discursos de Jesus. Conforme o autor,

Os muitos tópicos espirituais e ético sobre os quais Jesus pronunciou são demasiadamente numerosos (...) Uma característica comum de seus discursos é digna de nota: eram todos fundamentados no pressuposto de que ele viera para proclamar a verdade de Deus, de que ele tinha autoridade completa para fazer isso, e de que o homem era obrigado a seguir o seu ensino. Apresentava-se a si mesmo como o filho de Deus e, como Filho de Deus, a sua palavra é final.⁸⁹

O ministério de Jesus abrangeu, de forma cabal, todos os aspectos e áreas da vida humana, bem como supriu a todas e quaisquer necessidades experimentadas pelo homem. Sendo assim, Jesus demonstrou atos de serviço quando pregou a graça, o perdão e o amor de Deus, quando combateu o sistema religioso de sua época o qual aprisionava o ser humano. Jesus ensinou a evitar e a confrontar o preconceito e a discriminação de seus semelhantes, amando e respeitando as identidades culturais, apresentando meio, através do ensino, para os grandes dilemas da sociedade, tal como no caso da mulher samaritana, por exemplo. Quando Jesus ensinava, os corações eram compungidos, seus ensinamentos tocavam no mais íntimo e profundo da alma. Jesus personificou e influenciou o ensino através de sua vida.

⁸⁷ VOS, *Op. Cit.*, p. 413.

⁸⁸ VOS, *Op. Cit.*, p. 414.

⁸⁹ TENNEY, *Op. Cit.*, p. 234.

2.6 OS MÉTODOS APLICADOS POR JESUS

Em relação aos métodos aplicados por Jesus, Burge, em seu livro *Jesus, O Contador de Histórias do Oriente Médio*, relata que

Jesus viveu num mundo de narrativas, e era conhecido por sua habilidade como um contador de histórias. Nos evangelhos, também é conhecido como um grande mestre. O termo grego para mestre (*didaskalos*), que traduzido para o hebraico é *rabbi* - "meu mestre (Mt 23.8; Jo 1. 38), era usado no século I como um título elevado para professores da lei judaica. Os mestres desempenhavam um papel grande e honrado no judaísmo antigo. Quando Jesus começou a mover-se de vilarejo em vilarejo, particularmente na Galileia, as multidões reconheceram imediatamente uma habilidade e autoridade que sobrepujavam o que encontravam em suas sinagogas. Mas era de suas histórias que todos se recordavam mais claramente.⁹⁰

O teólogo Tenney nos lembra que

o método de ensino usado por Jesus não era inteiramente novo. Alguns dos rabis de seu tempo, como Hilel, eram afamados pelo seu saber e pela sua habilidade em prender a atenção de seu povo. Jesus conhecia, sem dúvida, todos os estratagemas pedagógicos que eles empregavam e, por sua vez, usou-os, mas ele os usava com uma capacidade muitíssima superior a deles.⁹¹

Sobre os métodos, Dias Lopes assevera que “Jesus foi o maior de todos os mestres, pela natureza do seu ensino, pela excelência de seus métodos e pela grandeza do seu exemplo.”⁹² O autor enfatiza que “Jesus utilizou muitos recursos e processos didáticos para transmitir aos homens a mensagem evangélica. seus métodos pedagógicos são os mais variados e os mais próprios às circunstâncias históricas, sociais e humanas do seu tempo.”⁹³

Ainda sobre os métodos, o escritor Price afirma que “Jesus é incomparável no uso de métodos, e ensinou como nenhum outro.”⁹⁴ Tendo confirmado o ensino de Jesus por meio de métodos, uma questão é elevada às nossas reflexões: que tipo de método Jesus usou? Abordamos um dos métodos mais usados pelo Senhor Jesus: a parábola; porém, antes, enfatizamos, de forma sintetizada, o propósito com o qual Jesus servia-se desse método.

2.7 PROPÓSITO

A totalidade das instruções de Jesus tinha um alvo moral e espiritual; as instruções estavam atreladas ao ensinamento a fim do que fora remetido pelo pai (João 14.10). Seu

⁹⁰ BURGE, Gary M. *Jesus, O Contador de Histórias do Oriente Médio*. Tradução de Karem de Andrade Bandeira. 3ª impressão, Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 15.

⁹¹ TENNEY, *Op. Cit.*, p. 231.

⁹² DIAS LOPES, 2006, p. 237.

⁹³ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 369.

⁹⁴ PRICE, *Op. Cit.*, p. 74.

ensino não era ponderado pelo fato de ser meramente um bom concílio ou conjectura repleta de expectativa sobre as suposições universais. Seu ensino era uma explicação de disposições morais e espirituais as quais Jesus queria transmitir às pessoas, conforme Ele mesmo enfatizou (Mt 7.24). O ensino de Jesus visava outorgar aos homens a Palavra de Deus com domínio, sendo esse seu propósito definitivo.⁹⁵

2.8 PARÁBOLA

Os evangelhos referem-se às histórias que Jesus contava como parábolas. O vocábulo parábola vem de um termo grego “*παραβολή*” (*parabole*), que significa comparação ou pequeno relato, por meio do qual outra coisa é figurada ou fictícia, sendo empregada para representar aquilo que é real.⁹⁶ Podemos dizer que era uma história ilustrativa que criava um contraste ou ideia vibrante para o ouvinte. O teólogo Morris relata que “um dos aspectos característicos dos evangelhos sinóticos é o uso que Jesus faz de parábolas como meio de instrução.”⁹⁷ E Morris afirma ainda que “o conjunto do ensino de Jesus por meio de parábolas realmente e impressionante.”⁹⁸

O teólogo Allen, no Comentário Bíblico Brodmann, declara que as “parábolas eram método comum no judaísmo.”⁹⁹ Allen afirma ainda que

a parábola era um método importante de didática para Jesus, mas não era novo. O Velho Testamento tem muitas parábolas, e elas eram largamente usadas fora do judaísmo. Na LXX, **parabolê** traduz o termo hebraico **māshal** cerca de 45 vezes. Parábola significa literalmente algo “lançado ao lado de”, como ilustração ou analogia, mas a etimologia não vai longe em indicar o seu significado ou uso.¹⁰⁰

Todavia, o teólogo Jeremias faz uma observação notória, em compreensão oposta à de Allen. Jeremias declara que

as parábolas de Jesus são algo totalmente novo. Em toda literatura rabínica do tempo antes de Jesus, não temos nenhuma parábola, a não ser duas comparações de Hillel (pelo ano 20 a.C.), ou seja, comparação jocosa do corpo com uma estátua e da alma com um hospede. E temos pela primeira vez uma parábola com o rabino Jochanan Bem Zakkai, pelos anos 80 d.C. (cf. infra p. 190 s).¹⁰¹

⁹⁵ TENNEY, *Op. Cit.*, p. 233.

⁹⁶ MOULTON, *Op. Cit.*, p. 311.

⁹⁷ MORRIS, 2003, p. 157.

⁹⁸ MORRIS, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

⁹⁹ ALLEN, *Op. Cit.*, p. 59.

¹⁰⁰ ALLEN, *Op. Cit.*, p. 193 – grifo do original.

¹⁰¹ JEREMIAS, Joachim. **As Parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende da Costa. 5ª ed., São Paulo: Editora Paulus, 1986, p. 8.

O teólogo Tenney ensina, de maneira esclarecedora, que

uma parábola é uma metáfora extensa, a descrição de qualquer ação ou objeto comum como ilustração de uma vida espiritual. É diferente da alegoria, porque esta pode ser puramente fictícia, enquanto que a parábola está sempre ligada com ocorrência ordinária, ainda que talvez não identificadas.¹⁰²

Os ensinamentos de Jesus por meio de parábolas serviam como meio de ensino diversos fins. Os ouvintes as entendiam prontamente porque reconheciam imediatamente sua relação com a vida diária. Jesus pode ter tirado algumas de suas parábolas de acontecimentos correntes, de sorte que seus ouvintes pensavam que podiam reconhecer a pessoa de quem Ele falava. As parábolas eram fáceis de serem lembradas porque não eram nem longas, nem abstratas. Sua aplicação espiritual era sempre apropriada à necessidade do ouvinte.

Cabral enfatiza que “a preocupação básica de Jesus ao contar uma parábola era a de ensinar alguma lição de cunho moral ou espiritual. E para torná-la fascinante e atrativa, Ele a ornava com detalhes de beleza histórica que enriqueciam o enredo da mesma.”¹⁰³ Todavia, é bom ressaltar que algumas delas precisavam de uma explicação, para se entender seu significado. Em muitos casos, quando o mestre contava algumas de suas parábolas às multidões, geralmente Ele dava a explicação somente aos seus discípulos, tal como ocorre com a parábola do joio (Mt 13:36-43) e com a do semeador (Mt: 13:1-9; Mc 4:1-9; Lc 8:4-8), as quais somente depois, quando Jesus estava a sós com seus discípulos e os mesmo interrogavam a cerca da parábola, foi que Jesus lhes explicou o significado.

Jesus foi tão perfeito em seus ensinamentos que Ele usava os contextos cotidianos. Zuck destaca que o mestre, ao contar uma parábola, “faz uma ampla analogia em forma de história. [...] baseada em fatos do cotidiano com o objetivo de ilustrar ou aclarar uma verdade.”¹⁰⁴ Quanto a Cabral, o autor nos ensina que

em suas viagens, Jesus passava por muitos lugares, nas montanhas, nos desertos, as margens do mar da Galileia, junto aos rios e, especialmente, nos caminhos poeirentos entre as plantações de trigo, cevada, aveia e outros grãos. O povo israelita aproveitava todo o espaço de terra cultivável, porque era pouco para cultivá-lo. Da experiência vivida por aquelas terras, Ele sabia tirar proveito para ensinar verdades profundas com ilustrações da vida cotidiana. Por isso. Cristo tirava lições da vida pesqueira, da agricultura e até da pecuária.¹⁰⁵

¹⁰² TENNEY, *Op. Cit.*, p. 231.

¹⁰³ CABRAL, Elienai. **Parábolas de Jesus**. Advertências para os dias de hoje. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 11.

¹⁰⁴ ZUCK, Roy B. **A interpretação Bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 225.

¹⁰⁵ CABRAL, *Op. Cit.*, p. 21.

Dessa forma, pode-se afirmar que uma parábola é um ensino de cunho moral ou religioso, em que a explicação começa a partir de uma questão cotidiana, começa de uma situação do dia a dia. Nelas encontramos verdades eternas desses conceitos morais ou religiosos, ou seja, o dia a dia do povo judeu era aplicado por Jesus às questões do Reino.

Zuck sintetiza a questão das parábolas afirmando que

as parábolas de Jesus prendiam a atenção por falarem de aspectos comuns do cotidiano. *Comércio*: pescador, construtor, mercador, dinheiro, juros, dívidas, tesouro, patrão, senhor, servos, credor, devedor, coletor de impostos, viajante, perola, administrador. *Agricultura e pecuária*: fazendeiro, pastor, ovelhas, solo, sementes, árvores, pássaros, espinhos, colheita, chiqueiro, vinha, viticultores, torre de observação, celeiros e figueiras. Dentre os aspectos *domésticos* que Jesus citou, figuram: casas, cozinhar (fermento e comida), costurar, moedas, varrer, dormir, comer, crianças brincando, viúva, odres, porteiro. Ele também fez menção a eventos *sociais* nas parábolas, dos quais um casamento, um banquete, damas de honra, pai e filho, um amigo que chega a meia-noite, um anfitrião e convidados. Dentre os elementos *religiosos*, temos: um sacerdote, um levita, um samaritano e um fariseu; e, dentre os *civis*, juiz, rei e guerra.¹⁰⁶

Quando o assunto era ensinar por meio de parábolas, a metodologia usada por Jesus era extraordinária. As circunstâncias do dia a dia em seu tempo eram aproveitadas para que fossem especuladas questões notáveis, a fim de produzir ensinamento de alguma verdade espiritual. De uma história autêntica ou criada, desde acontecimentos possíveis da vida cotidiana, a parábola podia ser extraída. Na verdade, uma parábola era uma categoria de ilustração da vida. Era possível ser uma descrição das coisas terrestres em certas ocasiões, historial – comumente contínuo à prática humana - relatada de forma que manifeste uma verdade moral ou algum ensinamento espiritual.¹⁰⁷

Conforme exposto, as parábolas constituíram um dos métodos utilizado pelo Mestre Jesus para ensinar e anunciar o Reino de Deus de forma que seus ouvintes pudessem compreender a beleza desse Reino. Tal conclusão é confirmada por Dias Lopes, o autor declara que “Jesus utilizou muitos recursos e processos didáticos para transmitir aos homens a mensagem evangélica. Seus métodos pedagógicos são os mais variados e os mais próprios às circunstâncias históricas, sociais e humanas do seu tempo.”¹⁰⁸ Dias Lopes esclarece ainda que “Jesus mostra flexibilidade em seus métodos. Não havia dias especiais nem lugares sagrados. A praia era o templo, o barco o púlpito.”¹⁰⁹ Portanto, pode-se afirmar que o ministério de Jesus abrangeu-se, de forma cabal e excelente, em todos os aspectos na área da vida humana,

¹⁰⁶ ZUCK, *Op. Cit.*, p. 230 – grifo do original.

¹⁰⁷ CABRAL, *Op. Cit.*, p. 8.

¹⁰⁸ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

¹⁰⁹ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 224.

a ponto de nos permitir assegurar que Jesus foi o maior Mestre de todos os tempos. Ele ensinou incomparavelmente.

3 A NARRATIVA DO LAVA-PÉS COMO PARADIGMA DE SERVIÇO (JOÃO 13: 1-20)

3.1 TEXTO BÍBLICO

1. Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.
2. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus,
3. sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus,
4. levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.
5. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.
6. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?
7. Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.
8. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.
9. Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.
10. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos.
11. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.
12. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?
13. Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou.
14. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.
15. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.
16. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.
17. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.
18. Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.
19. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou.
20. Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.¹¹⁰

Neste capítulo tratamos a respeito do texto de João 13.1-20, no qual está incluído o relato do lava-pés. Expomos a narração Joanina da forma que compreendemos ser a apresentação mais correta do texto e, a partir dessa perspectiva, fazemos um estudo teológico, partindo do contexto histórico-cultural e analisando os aspectos ou paradigmas exemplificados por Jesus, os quais consideramos mais importantes.

¹¹⁰ BÍBLIA, 2009, p. 1399.

Jesus inaugurou a liderança através do serviço; aliás, Ele redefiniu o conceito de liderança. O maior líder de todos os tempos não estava sentado à mesa sendo servido, Ele serviu seus discípulos. Jesus fez algo que ficou inculcado na memória dos discípulos: o lava-pés, um gesto inesperado, constrangedor, humilhante e marcante, a ponto de Pedro não querer aceitá-lo.

João capítulo 13:1-20 é um dos textos mais importante e mais comovedor das Escrituras Sagradas. Muitos pregadores, ou até mesmo escritores de hoje, não têm tratado esse texto com a devida importância que ele tem e com a riqueza que ele ensina. MacDonald declara que o capítulo treze de João “é um dos trechos mais amados em todo o NT.”¹¹¹ E o Bispo inglês Ryle, na mesma linha de pensamento, afirma que “em todos os séculos da era cristã, o conteúdo deste capítulo tem sido corretamente considerado como uma das partes mais preciosa da palavra de Deus.”¹¹² Quando lemos a descrição de João sobre a narrativa do lava-pés, muitas vezes ficamos sem entender porque que Jesus fez um gesto tão dramático, tão encantador, tão sublime, tão singular e ao mesmo tempo tão humilhante. Assim, doravante, buscamos contextualizar a narração.

3.2 O SENTIDO DO LAVA-PÉS E O SEU LOCAL

Sobre a narrativa do lava-pés, Dias Lopes afirmar que a partir daquele momento “Jesus não se dirige mais ao povo, às multidões, ao mundo como um todo, mas apenas aos seus discípulos. A porta da oportunidade para o povo estava fechada. O ministério público de Jesus havia chegado ao fim.”¹¹³ Jesus deseja ter um momento especial somente com seus discípulos no qual ilustra o novo mandamento ao lavar os pés desses, explicando-lhes que Ele (Jesus) lhes dera um exemplo a ser seguido.

No antigo oriente a prática do lava-pés, desde os tempos mais remotos, tinha lugar entre os deveres próprio da hospitalidade e era reputada como um sinal de respeito pelos hóspedes, caracterizando-se como humildade, atenciosidade, afeição e recepção por parte do hospedeiro. Além de ser um costume que visava à hospitalidade e à higiene, também era considerada como uma ajuda na prevenção de certas enfermidades que poderiam infeccionar os pés, esse ato fazia parte da dinâmica cultural e cotidiana dos antigos povos do oriente. Desse modo, não se tratava apenas de uma forma de honrar os hóspedes, mostrando carinho

¹¹¹ MACDONALD, William, **Comentário bíblico popular Novo testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 300.

¹¹² RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2000, p. 169.

¹¹³ DIAS LOPES, 2015, p. 343.

para com eles, mas até mesmo uma questão sanitária. Coleman relata como era a recepção cultural da época:

Uma das principais regras da boa hospitalidade determinava que, quando alguém recebesse uma visita, deveria lavar-lhe os pés. Há casa dos mais ricos, havia sempre um escravo a postos para realizar a tarefa; nas famílias mais simples, isso era feito pela esposa do anfitrião. Jesus usou essa prática para ensinar-nos uma lição de profundo significado [...]. Os judeus tinham o costume de tirar os sapatos (sandálias), ao entrarem numa casa. Esse gesto, além de evitar que se trouxesse poeira para dentro, era uma preparação para o lava-pés [...]. Tratava-se de uma tradição judaica que vinha desde os tempos antigos.¹¹⁴

Para a lavagem dos pés dos convidados, os escravos costumavam a tirar suas vestes mais externas para, em seguida, se cingirem com uma toalha em torno da cintura, a fim de tê-la à mão no momento de enxugar os pés dos convidados, à proporção que os lavava. João, em seu evangelho, nos mostra, de forma singular, que Jesus tomando o lugar de um serviçal. Por conseguinte, sendo Ele maior do que todos os homens, em estatura moral e espiritual, tomou o lugar de um simples escravo, colocando-se no mais baixo nível. Esta é a beleza do Reino de Deus apresentado pelo Senhor dos senhores. Neste acontecimento, Jesus mostra que a lógica no Reino de Deus é a do serviço. No reino de Deus, a pirâmide é invertida; o maior é aquele que serve e não aquele que é servido.

Elmer afirma categoricamente que: “Os valores do reino de Deus são diferentes dos valores deste mundo. Para o mundo, ser grande é exercer poder sobre os outros. No reino de Deus, ser grande é servir aos outros.”¹¹⁵

Muitos teólogos e estudiosos da Bíblia e da cultura judaica afirmam que, na literatura rabínica, encontram-se relatos de que era considerado sinal de reverência um discípulo lavar os pés de seu Mestre. Mas jamais, se teria pensado em um mestre lavar os pés de seus discípulos. E certamente a nenhum rabino teria ocorrido tomar tal atitude ou posição. O teólogo Keener ensina que

No ambiente cultural de Jesus, a honra era celebrada e a vergonha, temida. Contudo, diferentemente da sociedade greco-romana, o judaísmo valorizava a humildade. No entanto, assim como em outras sociedades, o judaísmo não deixava de preservar os devidos papéis sociais. Jesus, porém, subverte até mesmo as posições de *status* social. Dizia-se que o rabino *Yehudah ha-Nasi* (cerca de 220 d.C.) era tão humilde que fazia qualquer coisa pelos outros - exceto abrir mão de sua posição superior de

¹¹⁴ COLEMAN, William L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**. Belo horizonte: Editora Betânia, 1991, p. 24.

¹¹⁵ ELMER, Duane. **Servindo ao Próximo com a Humildade de Cristo**. Tradução de Eulália Pacheco Kregnes. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 30.

rabino. O costume de assentar-se conforme a posição social era um valor central naquela cultura. Jesus, no entanto, subverte também esse costume.¹¹⁶

Assim, entendemos que a grande surpresa dos discípulos ao ver Jesus lavar os pés, como também a reação indignada de Pedro com aquela situação. O apóstolo Pedro reage daquela forma pelo fato de que aquilo que Jesus fez não era comum, nem de longe, a um mestre ou rabino. Essa ação parecia descabida em relação aos vínculos que geralmente prevaleciam entre um mestre e seus alunos, como sucedia no caso do Senhor Jesus e seus futuros apóstolos. Então, essa era uma questão que realmente fugia da prática comum naquela época no oriente médio.

Elmer explica como tais servos eram visto naquela época. Segundo ele,

os servos são invisíveis: usam uniformes, realizam tarefas humildes, mantêm-se calados a maior parte do tempo e, se forem eficientes de verdade, são imperceptíveis. São ignorados e raramente reconhecidos, até que se precise deles. Seus direitos são escassos, seu poder é pífio seu *status* é como pó. Por que Jesus viria ao mundo como servo? Todas as imagens de servo parecem tão anti-humanas!
117

Foi através do lava-pés que o Senhor Jesus ensinou uma lição suprema que ficaria marcada na mente dos discípulos. Ou seja, naquele ato em que Jesus lavou os pés dos discípulos, Ele transmite, não somente para eles, mas também para todos nós, uma lição profunda sobre o que é o serviço. Todavia, embora o ato tenha um sentido hospitaleiro e de uma boa recepção, não era comum, nem confortável fazer esse tipo de serviço. Era inadmissível um Mestre fazer esse tipo de serviço no oriente médio; era inaceitável um anfitrião lavar os pés de seus convivas. Na realidade, quem realizava essa tarefa era o servo mais humilde da casa. A esse respeito, Konings esclarece que

lavar os pés dos hóspedes que chegavam de viagem pelas estradas poeirentas fazia parte da hospitalidade. Quem prestava esse serviço podiam ser, com uma conotação de carinho, os filhos ou a esposa, ou, como manifestação de dedicação, o próprio anfitrião (cf. Lc 7,44), mas normalmente era confiado a algum escravo. O gesto tinha uma conotação de humilhação tão forte que certos rabinos proibiam que escravos *judeus* fossem obrigados a prestar esse serviço a seus patrões.¹¹⁸

Gower corrobora o exposto por Konings, afirmando que

¹¹⁶ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 343.

¹¹⁷ ELMER, *Op. Cit.*, p. 25.

¹¹⁸ KONINGS, J. **Evangelho Segundo João**. Amor e fidelidade. Comentário Bíblico NT. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 258.

Depois que o hóspede que chegava para a refeição era cumprimentado, um escravo removia suas sandálias em preparação para o lava-pés e para que as sandálias não trouxessem o pó apanhado ao longo do caminho para dentro da casa. Os pés eram então lavados por um servo, que derramava água sobre eles, os esfregava com as mãos e secava com uma toalha.¹¹⁹

É interessante ressaltar que, naquela época, não havia pavimentação, logo, as ruas eram cheias de poeiras e eram percorridas no calor escaldante. Essa informação é destacada em estudo de Hendriksen. O autor contextualiza a história, informando sobre o ocorrido antes de Jesus e os discípulos irem para o cenáculo para participar da ceia juntos. Hendriksen afirma que “Jesus e os discípulos tinham vindo de Betânia. Os pés, protegidos apenas por sandálias, ficavam parcialmente expostos à areia e poeira. Eles estavam sujos ou pelo menos desconfortáveis. Nessas circunstâncias, a lavagem dos pés era um costume.”¹²⁰

Quando o profeta João Batista desejou expressar seus sentimentos de indignidade em comparação ou diante de Cristo, ele não conseguiu pensar em nada melhor para expressar isso do que dizer que ele se considerava indigno de se ajoelhar e desatar as correias das sandálias de Jesus e tirá-las com o objetivo de lavar os pés do Mestre. Portanto, na mente de um Judeu, desatar as sandálias e lavar os pés de alguém era demonstração do mais humilhante serviço da época.

O Dr. John Stott, por sua vez, contextualiza o texto descrevendo tanto sobre o local quanto sobre a cena. Ele afirma que

Jesus estava passando sua última noite na terra em reclusão tranquila com os apóstolos. Era o primeiro dia da festa dos Pães Asmos, e haviam-se reunido para tomar a refeição pascal juntos na casa de um amigo. O lugar é descrito como "um cenáculo grande, mobiliado e preparado", e podemos imaginá-los ao redor de uma mesa baixa, reclinados sobre almofadas no chão.¹²¹

Na descrição da cena, o autor destaca o local onde ocorreu o lava-pés, enfatizando que o lugar é descrito como “preparado”. Essa mesma característica foi descrita por Hendriksen, o autor relata que “no Cenáculo tudo estava pronto. Ali estavam o jarro e a bacia; e ali estava a toalha de linho. Havia água no jarro.”¹²² Em outras palavras, os discípulos conseguiram um local onde havia o necessário para realizar a ceia, isto é, havia tudo o que iam precisar, inclusive o necessário para a higienização dos pés. Entretanto, é importante destacar que eles se esqueceram de um grande detalhe: contratar um escravo para fazer o trabalho, dentre esses

¹¹⁹ GOWER, Ralph. **Novo Manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos**. 2 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 221.

¹²⁰ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 604.

¹²¹ STOTT, *Op. Cit.*, p. 29.

¹²² HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 606.

o trabalho de lavar os pés. Em sua descrição da cena, Hendriksen confirma que “no Cenáculo não havia servo.”¹²³ Imaginamos que quando os discípulos se deram conta desse problema, todos estavam como participantes da ceia e estavam na posição de serem servidos. Diante da situação, eles tinham que tomar uma decisão importante: um deles teria de realizar a tarefa de servo; mas quem seria esse? Deveria ser o menos importante dos discípulos. Assim, eles teriam de decidir quem era o menor e o menos importante, e justamente esse deveria fazer o papel de escravo. Enquanto, de acordo com a narrativa dos sinóticos (Mateus 18.1-5; Marcos 9.33-35; Lucas 9.46-48), eles estavam discutindo quem era o maior, aqui na narrativa do lava-pés, eles estavam procurando saber quem era o menor ou o menos importante. Podemos imaginar toda essa confusão entre os discípulos para saber quem deveria tomar essa atitude primeiro.

É válido ressaltar que eles só podiam comer depois de lavar os pés. Porém, nenhum deles se dispôs a realizar essa tarefa. Nenhum dos doze apóstolos se antecipou ou se voluntariou para lavar os pés dos seus pares, nem mesmo os pés do seu “Mestre e Senhor”.¹²⁴ Jesus percebeu que seus discípulos não estavam em condições de participar daquela ceia e de escutar seus últimos ensinamentos antes de ser lavado à cruz. Sobre a postura dos discípulos, Pearlman acertadamente afirma que “o espírito de cada um deles estava cheio de vis ambições e ciúmes. Algo de drástico devia ser feito para limpar seus corações tão manchados.”¹²⁵ Hendriksen afirma que “esses homens eram muito orgulhosos.”¹²⁶ E Stott, nessa mesma linha de pensamento, assevera que “nem um dos apóstolos, tampouco, foi humilde suficiente para se desincumbir de tão vil tarefa.”¹²⁷ Então, Jesus toma uma atitude inesperada: ele tira toda a sua roupa. Esse episódio é narrado por João; o apóstolo relata que Jesus “tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.”¹²⁸ (João 13:4). Hendriksen afirma que “Jesus é retratado aqui como se fosse um escravo oriental, usando apenas uma tanga.”¹²⁹ Stott comenta que

Foi para intensa consternação deles, portanto, que durante a ceia Jesus vestiu um avental de escravo, despejou água numa bacia e lavou os pés aos apóstolos, realizando assim o que nenhum deles estivera disposto a fazer. A seguir ele lhes

¹²³ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 605.

¹²⁴ KIVITZ, *Op. Cit.*, p. 293.

¹²⁵ PEARLMAN, Myer. **João**, O Evangelho do Filho de Deus. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 163.

¹²⁶ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 650.

¹²⁷ STOTT, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

¹²⁸ BÍBLIA, 2013a, p. 1510.

¹²⁹ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 606.

disse como o amor autêntico sempre se expressa mediante o serviço humilde e como o mundo os identificaria como discípulos somente se amassem uns aos outros.¹³⁰

Jesus escolheu lavar os pés e servir aqueles que deveriam tê-lo servido. O lava-pés foi o meio pelo qual Jesus ensinou e apresentou o mais perfeito modelo de serviço para seus discípulos. Jesus submeteu-se a essa situação extrema de servidão, demonstrando essa tarefa, a fim de ensinar que o serviço significa sujeitar-se uns aos outros. O que Jesus fez estava abaixo da dignidade de um Rabi. O paradigma do serviço encarnado por Jesus no episódio do lava-pés era uma nova perspectiva de grandeza no Reino de Deus.

3.3 SERVIR COM AMOR

O texto de João nos relata que, Jesus, “Tendo amado os seus, amou-os até o fim.”¹³¹ (João 13:1). Jesus ensina que para servir é necessário imenso amor! E a melhor resposta que temos do ensinamento de Jesus em lavar os pés dos seus discípulos está no primeiro versículo: Cristo nos ensina que para seguir seu exemplo devemos ter como motivação o amor. Caso contrário, será apenas como uma desimportante obrigação ou uma carga que se carrega obrigatoriamente. A essência do serviço cristão que Cristo demonstrou nesse ato é o amor. No cenáculo, Jesus ministrou em amor a seus discípulos, e eles receberam Cristo e suas instruções. O texto grego de João 13:1 revela: “Ele os amou ao extremo”.¹³² Haubeck e Siebenthal explicam, de forma perfeita, o significado desse versículo:

εἰς τὸ τέλος até o fim ou em definitivamente, ao extremo, até a consumação; talvez os dois aspectos estejam ligados (B εἰς 3; τέλος Idy). · ἡ γὰρ πησεν aor. aqui mostrar amor (B lc); ἀγαπήσατο ὡς ἰδιούτως... εἰς τέλος ἡ γὰρ πησεν αὐτόν tendo amado os seus (até ali) ou como amasse os seus, mostrou-lhes o seu amor até o último momento/até o fim ou ao extremo/até a consumação.¹³³

O amor de Jesus é infindável e, por isso, é até o fim. Isso significa a intensidade do seu amor, e não o seu fim. Isso quer dizer que Jesus amou de modo extremo e não somente naquele momento. Como cristãos, sabemos que devemos ser capazes de seguir o exemplo de Cristo e de servir uns aos outros. Diante desse ato tão constrangedor que Jesus realizou,

¹³⁰ STOTT, John, Op. Cit... p. 29

¹³¹ BÍBLIA, Op. Cit., Loc Cit.

¹³² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Volume 5. Traduzido por Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006a, p. 445.

¹³³ HAUBECK, Wilfrid. SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento Grego**: Mateus – Apocalipse. Tradução de Nélio Schneider. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Targumim - Hagnos, 2009, p. 624 – grifo do original.

cumprindo parte de sua humilhação antes da cruz, lavando os pés dos discípulos, Jesus deu exemplo, na prática, de como um verdadeiro líder ou Mestre deve servir. O amor de Jesus é prático. Ele não amava apenas em pensamentos ou em palavras, mas de verdade. Bruce afirma que Jesus “tinha concentrado seu amor de uma maneira especial, e no ministério do cenáculo este amor foi derramado em ações e palavras”¹³⁴.

Sobre o amor de Jesus, Carson faz questão de lembrar que “sem dúvida, quando Jesus lavou os pés dos discípulos, incluiu os pés de Judas Iscariotes. Além de mostrar o amor imenso e a paciência do Mestre.”¹³⁵ Ninguém amou semelhante a Jesus. Ele escolheu amar pessoas difíceis; Jesus escolheu amar em tempos difíceis. Aquele que levantaria o calcanhar e entregaria Jesus por trinta moedas de pratas teria seus pés lavados por Jesus. Se há algo que dá propósito a nossa vida, esse algo tem que ser e precisa ser o amor. O amor nos identifica como sendo discípulos de Jesus. Sem o amor, perdemos a identificação de seguidores de Cristo e de cristão.

Dias Lopes descreve de maneira extraordinária sobre esse amor. Para o autor,

Esse é um amor imenso, eterno, infinito. Nenhum pregador jamais pode pregar completamente esse amor. Nenhum escritor jamais pode descrever completamente esse amor. Nenhum poeta jamais conseguiu descrever esse amor. Estou certo de que, ainda que todos os mares fossem tinta, e todas as nuvens fossem papel; mesmo que todas as árvores fossem pena e todos os seres humanos fossem escritores, nem mesmo assim se poderia descrever o amor de Cristo. Seu amor excede todo o entendimento e toda possibilidade de plena descrição.¹³⁶

E o texto Joanino continua, “Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?”¹³⁷ (João 13:5,6). Como referendado anteriormente, a norma social ensinava que era humilhante o serviço de lavar os pés de seus convidados, quem realiza tal serviço era considerado muito inferior. Este foi o motivo pelo qual o apóstolo Pedro questionou e recusou à ideia do Mestre Jesus lavar-lhe os pés. Na realidade, a resistência de Pedro é característica à reação de um judeu do seu tempo. Foi por entender o significado de uma tarefa subserviente como essa que Pedro se recusou deixar Jesus lavar os seus pés, pois quem deveria ter os pés lavados era Jesus. Todavia, o

¹³⁴ BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo- SP. Vida Nova, tradução: Hans Udo Fuchs, 2014, p. 239-240.

¹³⁵ CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 466.

¹³⁶ DIAS LOPES, 2015, p. 346.

¹³⁷ BÍBLIA, *Op. Cit., Loc. Cit.*

Mestre ignora esses paradigmas para ensinar algo que marcaria completamente a vida dos discípulos. Michaels explica, de forma ilustre, sobre essa cena:

A pergunta inicial de Simão Pedro (v. 6) salienta o fato de que Jesus, ao cingir-se com uma toalha e lavar os pés dos discípulos, inverteu a prática costumeira. Naquele mundo dos dias de Jesus, os servos poderiam lavar os pés de seu senhor, quando este voltasse de uma viagem; uma esposa poderia lavar os pés de seu marido, ou os alunos os pés de seu professor; todavia, o contrario não podia acontecer. [...] Pedro, nada satisfeito, insiste em sua pergunta, desta vez sob a forma de protesto. É impróprio que o Mestre lave os pés de seus discípulos, pelo que Pedro não o permitira (v. 8). Mas a reação de Jesus também é direta. *Se Pedro não permitir que Jesus lhe lave os pés, não é seu discípulo. Sem explicar com precisão o que significa aquele ato, Jesus declara aqui, sem sombra de erro, que o lava-pés que o Senhor realiza nos discípulos não é opcional, mas necessidade real para qualquer pessoa que deseja segui-lo.*¹³⁸

Ao analisar essa passagem, percebemos que Jesus fez do amor a sua maior prioridade, e o fez conscientemente. Ele sabia perfeitamente o que estava fazendo. Não o fez por emoção desprovida de razão e muito menos porque estava desanimado. Pelo contrário, sua agenda estava interligada de forma plena com a do Pai. Jesus sabia quem era (Deus-Homem) e o que estava fazendo (serviço humilhante). O texto de João assevera que “sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus”¹³⁹ (João 13:3). Sendo assim, o que Cristo fez foi feito em sã consciência.

Em relação ao amor de Jesus, o teólogo Ladd afirma que

Este amor é ilustrado pelo ato de Jesus ao lavar os pés dos seus discípulos. Esta tarefa era o dever costumeiro de um escravo da casa; era tarefa tão desprezível que não era requerida dos escravos judeus. Jesus expressou seu amor pelos seus discípulos ao humilhar-se a si mesmo na realização de uma tarefa desprezível. Não se tratou de um ato de alguém fora de si; ele estava de posse plena e positiva de suas faculdades mentais. [...] De fato, o ato de “lavar os pés aos discípulos” foi em si mesmo a expressão de sua plena consciência da missão divina.¹⁴⁰

E o teólogo Bruce, nessa mesma preceptiva, confirma que

Jesus, consciente da soberania universal que o Pai lhe conferiu, plenamente ciente da sua origem e destino celestiais, faz algo que deixará no coração dos discípulos um sinal indelével desta soberania, origem e destino. Ele se veste como um empregado da casa e pratica a tarefa de um empregado.¹⁴¹

¹³⁸ MICHAELS, J. Ramsey. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**. João. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 247-248.

¹³⁹ BÍBLIA, *Op. Cit., Loc Cit.*

¹⁴⁰ LADD, *Op. Cit.*, p. 264.

¹⁴¹ BRUCE, *Op. Cit.*, p. 240.

Hendriksen ratifica essas palavras, afirmando que Jesus, “quando então se ajoelha para lavar os pés aos discípulos, ele faz isso com total consciência do fato de que o Pai lhe tinha entregado todas as coisas em suas mãos.”¹⁴² Hendriksen afirma ainda que “quando Jesus o realizou, ele o fez *com total consciência* [...] de que ele era o Filho Unigênito do Pai; assim sendo, o herdeiro legítimo de todas as coisas.”¹⁴³

Portanto, diante de tal fundamentação teológica fundamentada em teólogos reconhecidos, pode se afirmar que o ato de amor demonstrado por Jesus foi realizado em plena consciência. Jesus é o amor encarnado e, ao realizar tal ato, mostrou total abnegação. Nas palavras do teólogo Ladd, ao comentar sobre esse fato, “amar significa a prestação de um serviço completamente desinteressado - a disposição de realizar as tarefas mais comuns e humildes para servir o próximo.”¹⁴⁴ E ele continua: “Não seria exagero dizer que toda a ética de Jesus, em João, se resume no amor.”¹⁴⁵

3.4 SERVIR COM HUMILDADE

Morris, um dos teólogos mais respeitados e especialista em Novo Testamento, aborda sobre a questão da humildade de Jesus. Ele afirma que “Jesus é o poderoso Filho de Deus, e verdade, mas andou por uma trilha de humilhação. Se quisermos ser seus seguidores, temos de ver a glória em seu serviço humilde e andar pelo mesmo caminho.”¹⁴⁶ A humildade foi uma das virtudes na qual Jesus se colocou como exemplo para ensinar a seus discípulos como deveriam proceder no decorrer de suas vidas e de seus ministérios.

Sobre a humildade, Carson postula que a narrativa do lava-pés “serve como um padrão de serviço humilde.”¹⁴⁷ E Strong, por sua vez, enfatiza que “o ato de Jesus lavar os pés aos discípulos (Jo 13.1-20) simboliza a descida do seu trono de glória, tomando a forma de servo.”¹⁴⁸ Pode-se afirmar com isso que humildade é abrir mão de determinadas prerrogativas e direitos, mesmo sendo superior, para fazer o bem às outras pessoas. E foi exatamente isso que Jesus fez. Em uma “transfiguração às avessas”, Jesus depõe a imagem de Senhor e assume a “forma de servo”¹⁴⁹

¹⁴² HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 641.

¹⁴³ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 605.

¹⁴⁴ LADD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁴⁵ LADD, *Op. Cit.*, p. 263.

¹⁴⁶ MORRIS, *Op. Cit.*, p. 131.

¹⁴⁷ CARSON, *Op. Cit.*, p. 458.

¹⁴⁸ STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução Augusto Victorino. v. II, São Paulo: Hagnos, 2003, p. 361.

¹⁴⁹ KONINGS, *Op. Cit., Loc. Cit.*

Beale e Carson esclarecem que

A cena em que Jesus tira a vestimenta exterior - o manto - prende uma toalha à cintura e em seguida lava os pés dos discípulos é de fato chocante. Jesus, o Mestre, adota aqui a postura de um serviçal, até mesmo de um escravo não judeu (*Mek.* de Ex 21.10), situação desprezada tanto por judeus quanto por gentios. Embora outros rabinos também ressaltassem a virtude da humildade, eles o faziam dentro de certos limites (e.g., y. *Sanh.* 11.3 [citado em Keener 2003, p. 297]). Jesus, no entanto, ignorou esses limites.¹⁵⁰

Isso mostra até que ponto Jesus se rebaixa, de forma tão humilhante, ignorando limites e paradigmas que muitos mestres e rabis ensinavam. Porém, esses mestres jamais fariam o que o Mestre por excelência, chamado Jesus de Nazaré, fez. A forma humilde como Jesus ensinou não foi como a dos Césares do passado; esses eram tiranos e exerciam a liderança através da opressão e imposição. Nas palavras de Stott, para Jesus liderar significa

serviço humilde e não poder opressivo. Liderança e senhorio são conceitos distintos. O símbolo de uma liderança autenticamente cristã não é a veste de púrpura de um imperador, mas o avental batido de um escravo; não um trono de marfim e ouro, mas uma bacia de água para a lavagem dos pés.¹⁵¹

Seu ensino não foi forçado; Jesus não foi um ditador, um déspota, um opressor ou um apedreado. Ele não humilhou nenhum dos seus discípulos para que aprendessem a lição, ao contrário, Ele mesmo se humilhou tomando forma de servo. Dessa forma, Jesus demonstra, com uma atitude humilde, e dá o exemplo da maneira como os cristãos devem proceder.¹⁵² Esse marcante ato de humildade é tão sublime, que Bailey chega a declarar o seguinte: “Não sei de nenhum acontecimento na vida moderna nem de relato do passado no Oriente Médio em que ocorre essa incrível inversão de papéis.”¹⁵³

Nesse sentido, Jesus criticou severamente aqueles que buscavam a exaltação própria; dentre esses, criticou o grupo de fariseus que se enquadrava nesse perfil, em razão de intentarem ser reconhecidos pelas pessoas (Mt 23:5). Por isso, Jesus alertou “... se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mt 5:20). Tudo o que os fariseus fazia era para serem vistos pelos outros (Mt 23:5). O reverendo Dias Lopes, abordando sobre a hipocrisia e a falsa espiritualidade desses fariseus, as quais eram demonstradas de forma dissimulada, relata que

¹⁵⁰ BEALE, G. K. e CARSON D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 607.

¹⁵¹ STOTT, *Op. Cit.*, p. 128.

¹⁵² KONINGS, *Op. Cit.*, p. 252.

¹⁵³ BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os Evangelhos. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 374.

Os fariseus gostavam de tocar trombetas para alardear suas virtudes. Eles aplaudiam a si mesmos. Colocando-se no pedestal, faziam a si mesmos os maiores encômios e elogios. Não se contentavam apenas em anunciar suas virtudes, mas tinham um prazer mórbido de denunciar os pecados dos outros. Jesus os confrontou com firmeza. Mostrou a falsidade da sua espiritualidade. A humildade deve ser a marca registrada da verdadeira espiritualidade. Quem tece elogios a si mesmo revela uma espiritualidade trôpega. Quem busca o aplauso dos homens ou tenta impressionar as pessoas com a sua espiritualidade precisa usar máscaras para esconder a sua glória desvanecente.¹⁵⁴

Muitos têm a equivocada maneira de servir sob a expectativa de recompensa, reconhecimento, resultados, retorno e aplausos das pessoas. Mas Jesus nos ensinou um serviço humilde, feito no silêncio e sem publicidade. Ele mesmo declarou: “Que a sua mão esquerda não saiba o que a sua direita faz.”¹⁵⁵ (Mt 6:3). Assim sendo, sirvamos uns aos outros motivados com humildade cristã, não pela expectativa de sermos notados e muito menos de forma técnica ou mecânica. Elmer nos ensina que

Quando decidimos nos tornar servos por esforço próprio, o serviço será mecânico, artificial, forçado. Entretanto, se encararmos esse serviço como nossa mais profunda identificação com Cristo e isso habita nosso ser, servir aos outros será uma expressão natural e muitas vezes inconsciente de fato. Nesse sentido, o serviço ao próximo não é somente aquilo que fazemos, mas o que somos.¹⁵⁶

Nesse caso, não precisamos mostrar aos homens como oramos bem, o quanto somos espirituais, o quanto conhecemos acerca da palavra de Deus, o quanto contribuímos para a igreja ou o quanto somos generosos para com os pobres, pois Deus vê as nossas obras; Ele nos recompensará. Portanto, o amor humilde se curva para servir o próximo, embora não seja de grande estima para alguns.

Guthrie aborda, com acerto, sobre a humildade, ele declara que “a humildade [...] não era muito valorizada no mundo antigo, mas que Jesus tinha em alta estima.”¹⁵⁷ Embora Jesus estivesse cingido somente com uma tanga, despido de sua roupa, e uma toalha para enxugar os pés dos discípulos, Ele estava vestido de humildade. É dessa forma que Jesus convoca seus discípulos para uma postura humilde. Em termos afirmativos, isso significa adotar uma atitude de servo. Os discípulos devem considerar-se um escravo que cumpre sua obrigação sem esperar que seus serviços sejam reconhecidos.

¹⁵⁴ DIAS LOPES, 2000, p. 40.

¹⁵⁵ BÍBLIA. **Bíblia da mulher segundo o coração de Deus**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1 ed., São Paulo: Hagnos, 2013b, p. 1039.

¹⁵⁶ ELMER, *Op. Cit.*, p. 26.

¹⁵⁷ GUTHRIE, *Op. Cit.*, p. 909.

Jesus exortou os discípulos a abandonarem o orgulho e a viverem e a servirem juntos em humildade mútua. O auto esvaziamento de Jesus serviu de base para a exortação aos apóstolos; foi um exemplo vívido da humildade e do serviço que Jesus pedia aos seus seguidores. Sendo assim, a verdadeira humildade significa renunciar a si mesmo e aceitar uma posição servil para servir nosso próximo. O teólogo e apologista cristão Geisler declara que “uma das coisas singulares sobre Cristo e a maneira pela qual unia na sua pessoa características que em qualquer outra pessoa pareceriam impossíveis. Foi exemplo perfeito de humildade, a ponto de lavar os pés de seus discípulos.”¹⁵⁸ Nós precisamos dessa mesma atitude de humildade, submissão a Deus e dedicação a servir. Nas palavras de Price, “a humildade é uma das mais expressivas lições que Jesus deu em sua vida.”¹⁵⁹

3.5 O SERVIÇO NA PRÁTICA

Diante de um exímio exemplo e de uma cena tão humilhante e constrangedora, mas ao mesmo tempo tão sublime e marcante, em que o Mestre Jesus encarnou no lava-pés, Ele não deixa dúvidas de como os discípulos deviriam agir uns para com os outros. Jesus ensinou na prática como os discípulos deveriam proceder a partir dali. Esse exemplo deveria ser colocado em prática pelos futuros apóstolos e essa prática era servir. Dessa forma, servir ao Senhor significa colocar em prática o seu ensino. Não significa apenas um conhecimento teórico, técnico ou apenas para se jactar. O ensino exemplificado por Jesus não foi religioso, muito menos legalista. Dias Lopes aborda muito bem sobre isso afirmando que

Jesus nos ensina sobre a inutilidade do conhecimento religioso que não é acompanhado pela prática [...]. Um conhecimento que não se traduz em trabalho, em obra, em serviço, é estéril e não pode trazer felicidade. Não basta conhecer a verdade se não somos transformados por ela. O conhecimento sem amor envaidece. A fé sem obras é morta. A doutrina sem vida é inútil. O conhecimento sem obediência nos torna mais culpados diante de Deus. O conhecimento sem prática não nos coloca acima do nível dos demônios.¹⁶⁰

João relata em seu evangelho que Jesus pôs água em uma bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha; e entre aqueles discípulos estava Judas, aquele que trairia Jesus com um beijo, entregando-o aos fariseus e aos principais dos sacerdotes; aquele que entregaria Jesus por trinta moedas de prata; aquele que João chama

¹⁵⁸ GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé crista. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Editora Vida, 2002. p. 221.

¹⁵⁹ PRICE, *Op. Cit.*, p. 76.

¹⁶⁰ DIAS LOPES, 2015, p. 354.

de ladrão; esse discípulo teve seus pés lavados por Jesus. Embora Judas nunca tivesse se convertido verdadeiramente, Jesus nunca o tratou com distinção ou dissimulação. Isso se deve ao fato de Jesus não ter sido demagogo, um hipócrita que viveu de aparências; pelo contrário, Jesus foi verdadeiro e fiel em tudo que ensinou e praticou.

Antes de lavar os pés de Judas, João descreve o que Jesus falou revelando o traidor. Jesus disse que aquele que comia do seu pão tinha levantado contra ele seu calcanhar. Interessante que Jesus, mesmo sabendo de tudo, não negou a Judas um pedaço de pão. Bruce explica que “nas refeições no Oriente, era um gesto comum de amizade especial por parte do anfitrião oferecer um bocado a um dos hóspedes. A ação de Jesus, então, parece dizer a Judas que, apesar da sua intenção, o amor do Salvador permanece o mesmo.”¹⁶¹ Keener corrobora a assertiva, afirmando que “se o anfitrião mergulhasse um pedaço de pão na tigela comum [...] e o entregasse a um conviva, isso, normalmente, era uma demonstração de honra à pessoa que recebia o alimento.”¹⁶² Que exemplo Jesus deu naquele momento, lavando os pés dos discípulos, incluindo também os pés de Judas!

Conforme Carson, sobre a atitude de Jesus em relação ao traidor, o apóstolo João assegura que “seus leitores entendam exatamente a força com que esse episódio confirma o caráter amoroso de Jesus. Os discípulos cujos pés ele estava para lavar incluíam Judas Iscariotes, filho de Simão, cuja conspiração traiçoeira já havia sido concebida.”¹⁶³

Keener observa que

ser traído por um amigo era algo que podia acontecer, mas era visto como a pior forma de traição. Compartilhar uma refeição à mesa estabelecia uma aliança permanente de paz (a qual idealmente se estendia, às vezes, até mesmo aos descendentes dos convivas). Portanto, trair o anfitrião seria um gesto particularmente desleal.¹⁶⁴

O apóstolo João descreve, em seu evangelho, toda cena, não deixando dúvidas de que Jesus sabia quem era o traidor, mas, apesar de tudo isso, Ele o amou. Jesus serviu, lavando os seus pés e de todos os discípulos e, em seguida, os confronta a praticar aquilo que todos eles contemplaram e participaram de forma direta, tendo seus pés lavados pelo Mestre dos mestres. Jesus ensina de forma tão extraordinária, chamando os discípulos a fazerem o

¹⁶¹ BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 1735.

¹⁶² KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução de José Gabriel Said. - São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 344.

¹⁶³ CARSON, *Op. Cit.*, p. 461.

¹⁶⁴ KEENER, *Op. Cit.*, p. 343.

mesmo que foi feito com eles. E, em seguida, Jesus afirma que os tais seriam bem-aventurados se assim praticassem. Desta forma, relata João:

Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. (Jo 13:11-17)¹⁶⁵

A vida cristã nada mais é, senão a imitação do modelo serviçal de Jesus Cristo. Jesus é o nosso modelo de Mestre, que serve com amor humilde na prática. Elmer ensina que “o verdadeiro discípulo é aquele que não apenas conhece, mas coloca em prática aquilo que aprendeu de seu Mestre. Mesmo sabendo que Judas era o traidor Jesus lava os seus pés.”¹⁶⁶ Baxter nos instrui a reconhecer “a necessidade de agir com humildade, de lavar os pés dos irmãos e, até mesmo, dos inimigos, a fim de vencê-los com bondade e ganhá-los com amor.”¹⁶⁷

O mestre Jesus não levou em consideração nenhuma hierarquia para lavar os pés dos discípulos e também não excluiu nenhum deles, nem mesmo o traidor. Isso nos revela que, nos ensinamentos de Jesus, devemos tratar e servir a todos sem exceção. Kraybill afirma que essa atitude

[...] nos colocam na posição inferior, servindo e elevando o outro como um superior. Nesse simples ato, Jesus coloca velhas hierarquias sociais de cabeça para baixo e as substitui por um novo valor: o serviço. À medida que pegamos as ferramentas do serviço e lavamos os pés do outro, a distinção entre senhor e servo desaparece. Quando nos tornamos servos uns dos outros, todos nos tornamos grandes no reino plano de Deus.¹⁶⁸

Os discursos de Jesus eram respaldados pelas suas atitudes. Jesus nos ensinou a servirmos ao nosso próximo independente de quem sejam, do que fazem ou de como vivem. O nosso dever é imitar a Cristo. Todavia, não é muito comum do ser humano quer servir outras pessoas pelo fato de ser mais agradável ser servido. É por isso que o Mestre Jesus

¹⁶⁵ BÍBLIA, 2009, p. 1400.

¹⁶⁶ ELMER, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁶⁷ BAXTER, Richard. **Manual pastoral de discipulado**. Traduzido por Elizabeth Gomes, São Paulo, Editora Cultura Crista. 2008, p. 168.

¹⁶⁸ KRAYBILL, Donald B. **O Reino De Ponta Cabeça**. Tradução de Fernanda Milczarek. Bragança Paulista – SP: Editora Mensagem Para Todos, 2017, p. 358.

ensina, de forma prática, aos seus discípulos, a fazerem o mesmo, dizendo: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”¹⁶⁹ (Jo 13:15).

Como servos de Deus, precisamos estar dispostos a fazer algo pelas pessoas e não somente para nós mesmos. Fomos chamados para servir. É por esse motivo que Jesus confronta seus discípulos, dizendo: “Ora, se eu sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.”¹⁷⁰ (Jo 13:14). Pearlman, ao comentar sobre esse verso, afirma que

com estas palavras Jesus tira as desculpas de qualquer discípulo que imagina ser importante demais para fazer qualquer humilde serviço. Se o Senhor e Mestre deixou de lado sua posição de dignidade e honra para servir humildemente, qual servo que poderá recusar-se a tomar a mesma atitude?¹⁷¹

É muito comum servirmos aquele que está acima de nós ou aqueles que admiramos, mas o desafio é servir a todos de forma igual e imparcial. Conforme expõe o teólogo Pearlman,

Uma coisa é ficar emocionado com a história do evangelho, ser tomado de admiração pelo exemplo consistente de Cristo e pela sublimidade dos seus ensinamentos; outra coisa, e bem mais difícil, é sair no meio do mundo ímpio e materialista e *fazer* tudo quanto aprendemos de Jesus. A maioria das pessoas sabe mais do que realmente põe em prática; devemos, portanto, transformar nossa admiração por Cristo em imitação de Cristo. A verdade brilha mais quando é vivida do que quando apenas formulada em palavras. Somente à medida que vivemos a verdade é que podemos transformá-la em realidade para nós mesmos e para os outros.¹⁷²

Naquele dia, Jesus lavou até os pés de Judas, mesmo sabendo que seria traído por ele. A atitude de Jesus nos ensina que devemos ser menos egoístas e pedir para Deus colocar em nós uma disposição em servir o próximo, não somente aqueles que nos fazem bem, mas também aqueles que nos perseguem e nos fazem mal. Que possamos ter a mesma atitude de Jesus em relação ao nosso próximo.

Jesus deixa bem claro que servir a Deus está diretamente ligado a servir e a amar o próximo. A vida de Jesus foi inteiramente pautada em fazer a vontade de Deus e em ajudar as pessoas que estavam ao seu redor. Jesus compreendia que a vontade de Deus era que Ele vivesse em prol do seu próximo. Dessa forma, o Mestre Jesus incentiva seus discípulos, dizendo: “Bem aventurados sois se as fizerdes.”¹⁷³ (Jo 13:17). A cena do lava-pés narrada

¹⁶⁹ BÍBLIA, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁷⁰ BÍBLIA, *Op. Cit.*, p. 1399-1400.

¹⁷¹ PEARLMAN, *Op. Cit.*, p. 168.

¹⁷² PEARLMAN, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁷³ BÍBLIA, *Op. Cit.*, p. 1400.

em João, capítulo 13, deve ser vivida na prática, e, como Jesus exemplificou, não somente em palavras, mas também em atos.

4 O SERVIÇO COMO ESTRATÉGIA DE LIDERANÇA

Falar ou escrever sobre liderança, não é um assunto muito fácil de ser abordado, pelo fato, de que, o mundo enfrenta uma carência de liderança no modelo ensinado e exemplificado por Jesus. Liderança hoje, para muitos, é sinônimo de poder, títulos e prestígios. Estão mais interessadas em serem servidas, do que servir. Sendo assim, muitos se sentem diminuídos no serviço cristão. É bom lembrar que liderança não significa ter uma inteligência elevada, pois muitos têm um QI elevado, porém, muitas das vezes, não têm a capacidade de conduzir outras pessoas. Liderança não significa ter muita experiência ou uma memória privilegiada ou até mesmo ter vários diplomas acadêmicos. Na realidade a arte de conduzir ou liderar corretamente as pessoas é um desafio especialmente para os nossos dias, tanto no contexto global quanto no contexto do Reino de Deus.

É impressionante que quando olhamos para a vida do mestre Jesus, vemos em Cristo uma pessoa única em termos de liderança. Na realidade, Jesus é o líder mais bem sucedido da história. Shedd afirma que “Jesus é o líder dos líderes. Ele é o modelo, uma fonte inextinguível de instrução e de ilustrações sobre a liderança.”¹⁷⁴ Nunca se encontrou ninguém, na história humana, que tenha conseguido atingir, mobilizar e inspirar pessoas em todos os aspectos tal como Jesus o fez. Tudo aquilo que as pessoas buscam influenciar, mobilizar e direcionar sobre os outros indivíduos constitui-se tentativa que nem de perto se aproxima das ações do Mestre dos mestres.

4.1 LIDERANÇA SERVIL

A liderança de Jesus não foi uma liderança para ser servida; a liderança de Jesus foi uma liderança servil. O modelo de liderança de Jesus tem como propósito servir e não ser servido. O modelo ou estratégia de liderança do Mestre não beneficia apenas um; não centraliza apenas em um; ou fortalece apenas um; pelo contrario, a liderança de Jesus foi uma liderança servil. Abordamos no capítulo anterior que Jesus encarnou o modelo perfeito de liderança quando lavou os pés dos discípulos.

Um dos líderes evangélicos mais respeitados da atualidade, MacArthur, afirma que “para a maior parte dos líderes, é difícil abaixar-se e lavar os pés daqueles que consideram

¹⁷⁴ SHEDD, *Op. Cit.*, p. 30.

seus subordinados. No entanto, esse foi o exemplo de liderança que Jesus deu e que instou seus discípulos a seguirem."¹⁷⁵

Na mesma linha de pensamento, Wilkes declara que

lavar os pés dos discípulos foi o modelo supremo de liderança servil que Jesus apresentou. Na sua última noite com o grupo de liderança, Jesus escolheu servir àqueles que deveriam tê-lo servido. Muitos de nós não veem imediatamente o tipo de risco envolvido nessa atitude. Jesus estava renunciando ao seu lugar na cabeceira da mesa. Esse é exatamente o tipo de risco que ele vai exigir de nós.¹⁷⁶

Dessa forma, Jesus ensina que o serviço deve iniciar pela liderança ou por aqueles que lideram, independente da função exercida. Wilkes declara ainda que Jesus “ensinou e personificou a liderança como serviço. Jesus era um Líder-Servo em todos os sentidos do conceito”¹⁷⁷

A respeito da liderança do Mestre dos mestres, Shedd ensina que

A liderança de Jesus começou com o seu convite feito a homens comuns. Ele não escolheu homens religiosos, como se esperaria. Jesus viu mais potencial em “leigos” do que em clérigos. Provavelmente a razão disso é o fato de que pessoas, como pescadores e coletores de impostos, tinham menos resistência aos conceitos de Jesus do que os religiosos.¹⁷⁸

A assertiva de Dias Lopes reitera a ideia exposta acima. O autor declara que os homens que Jesus escolheu “não possuíam qualidades especiais. Não eram endinheirados, não desfrutavam uma posição social influente nem tinham recebido educação especializada. Também não eram líderes eclesiásticos de alto nível. Eram doze homens comuns.”¹⁷⁹ Dias Lopes afirma, ainda, que

na verdade, Jesus escolheu homens limitados, pobres, iletrados, de temperamentos explosivos. Nós jamais escolheríamos esses homens. Contudo, Jesus os escolhe, os ensina, os equipa e os reveste de poder. Com esses homens, Ele transforma o mundo. Famosos reis tiveram seus nomes apagados da História, mas esses iletrados homens têm seus nomes lembrados todos os dias por milhões e milhões de cristãos ao redor do mundo.¹⁸⁰

¹⁷⁵ MACARTHUR, John. **Doze homens extraordinariamente comuns**: como os apóstolos foram moldados para alcançar o sucesso em sua missão. Tradução de Susana Klassen. 2. ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 73.

¹⁷⁶ WILKES, C. Gene. **O último degrau da liderança**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 135.

¹⁷⁷ WILKES, *Op. Cit.*, p. 21.

¹⁷⁸ SHEDD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁷⁹ LOPES, 2006, p. 199.

¹⁸⁰ LOPES, *Op. Cit.*, p. 199-200.

O teólogo Youssef ensina que Jesus veio a este mundo com uma tarefa bem definida: realizar o desejo do Pai - algo muito remoto à notabilidade. Essa tarefa demanda característica que não encontramos nas lideranças da atualidade, em que, na sua maioria, possuem um comportamento distinto ao modo de Jesus. Para se desempenhar uma liderança, é necessário conhecimento e devoção na área em que se vai assumir a posição de liderar. Isso requer esforço para aqueles que pleiteiam pelo exercício da liderança num tempo subsequente. Embora o desejo seja para o futuro, faz-se necessário trabalhar no presente, sem a perspectiva de reconhecimento e elogio pelo que se desempenha. A aclamação é algo esperado por aqueles que são aplicados em suas tarefas. Aqueles que exercem uma função dentro de uma empresa, esperam elogios. Se não acontece como esperado, dão lugar a sentimentos de ira, reclamação, quando longe de outras pessoas, e, algumas vezes, reclamações audíveis. Neste caso, o exemplo de Jesus Cristo não é considerado.¹⁸¹

Jesus possuiu um modo de liderança relevante; essa relevância se deu em razão de suas aptidões para manejar diversas índoles, condições e etapas de sensatez espiritual. Essa faculdade foi demonstrada por Ele de uma maneira mais clara após a ressurreição. Foram momentos em que enfrentou situações de desconsolo com Maria, nas proximidades de seu túmulo; o arrependimento de Pedro; a desesperança de dois discípulos, no caminho de Emaús; e a incerteza de Tomé. Diante de todas essas circunstâncias, a liderança de Jesus foi satisfatória através da realização de curas, reconciliações, comunicação de segurança e esperança.¹⁸²

Deparamo-nos com o relato dos irmãos Tiago e João, em Marcos 10, quando se achegaram ao Mestre, ausentes dos demais discípulos. Um pedido singular eles fazem ao Mestre, ambos visivelmente convictos sobre sua própria grandiosidade. Eles acreditavam que os pensamentos deles coincidiam com o pensamento do Salvador. A confirmação dessa hipótese dá-se por meios do pedido que fazem: “Mestre”, eles dizem a Jesus, “desejamos que atenda o nosso pedido”. Jesus interroga acerca da vontade deles. A resposta é: “Quando o senhor se sentar no trono do seu Reino glorioso, deixe que um de nós se sente à sua direita, e o outro, à sua esquerda” (Marcos 10.35-37). A expectativa nesse momento, segundo as informações de Marcos, era que Jesus, juntamente com seus discípulos iam em direção a Jerusalém, onde Tiago, João e os outros o aguardavam, e que numa ação militar e política, instantaneamente, o seu reino fosse estabelecido. Após este acontecimento, a sua “glória” seria firmada, em que os dois irmãos desejavam um lugar de destaque. Conforme a convicção

¹⁸¹ YOUSSEF, *Op. Cit.*, p. 105.

¹⁸² YOUSSEF, *Op. Cit.*, p. 129.

deles, este era o espaço que deveriam ocupar, uma vez que se consideravam sublimes. O cogitar aparente deles era, naquele momento, definir essa constatação de eminência. Ao passo que perguntavam quem dentre eles era o maior, davam como resposta serem eles próprios. Desejavam o reconhecimento por parte de Jesus dessa resposta, deixando com que se assentassem, um a sua direita, e o outro a sua esquerda.¹⁸³

O pedido dos dois discípulos demonstrou ambição pelo poder. Os dois irmãos não tinham noção do que estava acontecendo naquele momento. Jesus ensina que no Reino de Deus, grandeza não é importante. O Mestre mostra que servir o outro é extremamente importante. Dessa forma, Jesus mostra que é primordial que o serviço cristão, não deve exercer poder dominador sobre outras pessoas.

Wilkes, comentando sobre essa passagem, ensina que “a liderança servil no reino não significa buscar posição e poder, mas seguir Jesus, em seu serviço e sofrimento pelos outros. Os líderes-servos seguem Jesus quando antes de mais nada fazem o que ele diz, em qualquer contexto em que se encontrem.”¹⁸⁴ Sobre a referida passagem, o escritor Kivitz esclarece que

Os governantes das nações impõem sua autoridade pela força e toda sorte de meios ilícitos de coerção. Mas no reino de Deus o governo é exercido por pessoas dispostas a servir. Homens e mulheres que não buscam seus próprios interesses, mas estão dispostos a fazer o que Jesus fez: dar a vida pelos outros. Os talmidim de Jesus não foram ensinados a dominar e tiranizar. Foram instruídos a servir e amar.¹⁸⁵

É interessante que um pouco antes, os discípulos estavam discutindo quem dentre eles era o maior no Reino dos céus. Eles estavam andando juntos com o Mestre dos mestres, o Rei da glória e ouvindo ensinamentos maravilhosos acerca da essência do homem e de como devemos viver, mesmo assim, estavam discutindo quem era o mais importante entre eles. Nos corações dos discípulos havia um desejo ambicioso de obter e possuir poder. Kivitz informa, ainda, que

Jesus deseja deixar profundamente arraigado no coração dos seus discípulos o que já havia ensinado. [...] no reino de Deus, aqueles que têm posição de autoridade têm, na verdade, a prerrogativa e o privilégio de servir. A posição de autoridade não é licença para mandar, exigir, comandar, ou ser o primeiro a ser servido, mas sim uma responsabilidade privilegiada de serviço. Esse é o modelo da liderança de Jesus, e é o que ele quer imprimir no coração dos seus discípulos. [...] Jesus deixa claro que a melhor maneira, senão a única, de você se relacionar com alguém é servir e abandonar a expectativa de ser servido.¹⁸⁶

¹⁸³ MAHANEY, C. J. **Humildade, verdadeira grandeza**. Tradução de Ana Paula Eusébio Pereira. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2008, p. 38-39.

¹⁸⁴ WILKES, *Op. Cit.*, p. 93.

¹⁸⁵ KIVITZ, *Op. Cit.*, p. 149.

¹⁸⁶ KIVITZ, *Op. Cit.*, p. 293.

O doutor Shedd, compartilhando esse mesmo ponto de vista, comenta que Jesus reagiu “à ambição da autopromoção dos discípulos com um ensino específico sobre servilismo. [...] Jesus contrastou seu conceito de liderança com o quadro político da sua época: ‘reis’ locais exerciam sua autoridade tirânica sobre as pessoas e chamavam-se ‘benfeitores’.”¹⁸⁷. Shedd exorta que “os líderes cristãos necessitam ser ‘servos’.”¹⁸⁸

Wiersbe observa que “os discípulos seguiam exemplos errados. Em vez de imitarem a Cristo, admiravam a glória e a autoridade dos governantes romanos, homens que amavam a fama e o poder.”¹⁸⁹

E o teólogo Guthrie afirma que “o caráter do ensino ético de Jesus exclui a noção de hierarquia entre os discípulos. De fato, Jesus criticou expressamente aqueles que buscavam posição de autoridade e inculcou a humildade como uma qualidade mais desejável”.¹⁹⁰ Ele ensinou mais que “os maiores, dentre seu grupo de seguidores, seriam aqueles que desejassem ser servos (*douloi*).”¹⁹¹

No que compete ao relato sobre os dois discípulos, Dias Lopes ensina que esses “faziam parte daquele grupo mais íntimo de Jesus, que fora com Ele à casa de Jairo, subira com ele ao Monte da Transfiguração e estivera com Ele mais de perto no Jardim de Getsêmani. Agora querem privilégios especiais.”¹⁹² Dias Lopes contextualiza ainda mais a situação do pedido daqueles discípulos, o autor lembra que “a mãe de Tiago e João, Salomé, era irmã de Maria (Mt 27.56; Mc 15.40; Jo 19.25). Assim, esses dois discípulos eram primos de Jesus. Eles aproveitaram desse estreito laço familiar para buscarem vantagens pessoais.”¹⁹³ Assim sendo, Dias Lopes conclui que

no reino de Deus, a pirâmide está invertida. A grandeza é medida pelo serviço e não pela dominação. Ser grande é ser servo. Ser grande é estar a serviço dos outros em vez de ser servido pelos outros. Entre os discípulos um novo tipo de relacionamento deve prevalecer, ou seja, seus discípulos devem ser servos (*diakonos*) uns dos outros e escravos (*doulos*) de todos. O padrão de Deus é que uma pessoa deve ser um servo antes de Deus promovê-la a uma posição de liderança.¹⁹⁴

¹⁸⁷ SHEDD, *Op. Cit.*, p. 26

¹⁸⁸ SHEDD, *Op. Cit., Loc. Cit.*

¹⁸⁹ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Volume I.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André - SP: Geográfica editora, 2006b, p. 191.

¹⁹⁰ GUTHRIE, *Op. Cit.*, p. 712.

¹⁹¹ GUTHRIE, *Op. Cit.*, p. 713.

¹⁹² DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 494-495.

¹⁹³ DIAS LOPES, 2019, p. 631.

¹⁹⁴ DIAS LOPES, 2006, p. 497.

O teólogo Erwin já afirmava o raciocínio de Dias Lopes, Erwin declarou que “no reino de Deus, a pirâmide do poder está invertida, de cabeça para baixo, de forma que a autoridade esteja na base, não no topo.”¹⁹⁵

Um conflito instaurou-se entre os outros dez discípulos, quando ficaram sabendo da petição dos dois irmãos a Jesus. O desejo dos dez era de que, no momento em que o Reino de Jesus fosse estabelecido, Tiago e João não ocupassem uma posição elevada em relação a eles. Quem ocuparia os lugares privilegiados passou a ser o assunto debatido pelos discípulos, através de intensa polêmica, com o intuito de classificar o mais merecedor entre eles. Jesus, escutando aquele debate, chamou seus liderados para, mais uma vez, determinar normas fundamentais.¹⁹⁶

Mahaney, ao comentar a atitude dos dez discípulos, não os isenta do fato de também possuírem um coração ambicioso, e esclarece que

essa passagem de maneira nenhuma exime os outros discípulos, porque, infelizmente, os outros dez não eram diferentes. De alguma forma, eles descobriram o pedido daqueles dois e “indignaram-se... contra Tiago e João” (v. 41), o que revela, em seus corações, não só a presença de ambição egoísta, mas também de justiça própria.¹⁹⁷

Hendriksen, nessa mesma perspectiva, afirma que os demais discípulos passaram a fazer indagações, com a enumeração dos acontecimentos. Consideravam-se traídos pelo pedido ousado de Tiago e João. Isso demonstra que o ensinamento de João 9.35-37 não foi inculcado no coração deles. Aqueles lugares de honra, possivelmente também eram cobiçados por eles. Espiritualmente, não houve distinção entre o comportamento dos dez e dos outros dois. As atitudes errôneas que costumamos ignorar em nós, com facilidade a reprovamos nos outros.¹⁹⁸

Mulholland esclarece que o sentimento dos demais discípulos em relação aos filhos de Zebedeu foi de enfurecimento, pois no entendimento daqueles, um pedido tão ousado, anulou o desejo de todos. Jesus sabiamente respondeu aos irmãos acerca da autoridade num tempo futuro. Em particular, Ele instrui os seus discípulos o modo certo de se exercer a autoridade no presente. Jesus demonstra como a autoridade não deve ser manipulada, exemplificando modelos negativos usados por governantes de nações, que, aproveitando sua condição de poderio, exploram as pessoas. A condição de poderio está baseada sobre o âmago de poder

¹⁹⁵ ERWIN, Gayle D. **O estilo de Jesus**: lições práticas da sua vida e ministério. Tradução de Cristina Frey. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 55.

¹⁹⁶ WILKES, *Op. Cit.*, p. 99.

¹⁹⁷ MAHANEY, *Op. Cit.*, p. 39.

¹⁹⁸ HENDRIKSEN, 2003, p. 525.

sobre as pessoas. Geralmente, aqueles que governam possuem desejos no exercício do seu governo. A consideração que Jesus faz sobre a grandeza é pelo servir e não pelo dominar. A predominância na convivência entre os discípulos seria embasada em uma nova tipologia: quem o seguisse deveria ser servo (*diakonos*) um do outro e escravo (*doulos*) das demais pessoas. O modelo ideal de comportamento dos que creem e nas relações pessoais, é a simplicidade de Jesus, que, com muita frequência, é retratada. Jesus é bem enfático através da expressão “entre vós não é assim” (v. 43), evidenciando que quem, na igreja, está preparado para comandar, é somente aquele que é servo.¹⁹⁹ Sendo assim, as palavras do maior líder de todos os tempos foram

Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois, o próprio filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.²⁰⁰ (Marcos 10.42-45).

A clareza dos mandamentos de Jesus sobre liderança está nessas palavras. No entanto, é o mandamento mais rejeitado. Quando o assunto é liderança, praticamente não se fala dessas palavras. A exposição de um líder que almeja manifestar uma espécie de liderança pessoal é realizada por raras assembleias que convidam líderes em potencial ou atuantes. Naturalmente, somos levados a não meditar sobre essa palavra excêntrica; no máximo, a utilizamos como uma figura de convocação ao serviço. O elucidário de liderança entre o povo de Deus foi remodelado por Jesus, quando se expressou aos discípulos naquela ocasião. Por essa razão, devemos nos esforçar para praticar suas palavras na íntegra diariamente.²⁰¹

Wilkes faz questão de lembrar que a função terrena de Jesus estava chegando ao fim. Provavelmente, houve uma indagação a si mesmo a respeito da união dos discípulos, quando já não estivesse com eles, por ter completado sua missão terrena. Nota-se que a maior parte do tempo, Jesus passava repreendendo e advertindo os que o seguiam em grupo. Cada líder-servo possui essa incumbência.²⁰²

¹⁹⁹ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 123.

²⁰⁰ BÍBLIA, 2013a, p. 1406.

²⁰¹ WILKES, *Op. Cit.*, p. 100.

²⁰² WILKES, *Op. Cit.*, p. 102.

4.2 LIDERANÇA PIEDOSA

O teólogo bíblico Vos, declara que “a piedade bíblica é centrada em Deus.”²⁰³ Já Sedd afirma que “a base de toda a liderança está enraizada em Deus; é dele que nasce todo princípio verdadeiro de liderança piedosa. É por isso que encontramos o quadro mais completo e perfeito de liderança em seu próprio Filho.”²⁰⁴ Cotidianamente, personagens bíblicos seguiram uma vida de comunhão com Deus. Homens, como Moisés, Samuel, Elias, os apóstolos, foram ministros da Palavra de grande utilidade para Deus.

Jesus também seguiu o mesmo exemplo e, assim, tornou-se nosso maior modelo. A demonstração de Jesus como ser humano perfeito foi feita por Lucas para os gentios. De todos os evangelistas, Lucas foi o que mais enfatizou a vivência de Jesus em oração. Diante da oração de Jesus, o céu se abriu na localidade do Rio Jordão. A partir daí houve uma sequenciação de fatos: a função de Jesus foi ratificada por Deus, então o Espírito Santo derramou-se sobre Ele (Lc 3.21-22). Após este acontecimento, voltou Jesus do Jordão, e levado foi ao deserto, permanecendo por um espaço de 40 dias exercendo a prática de jejum e oração. Frente às tentações do diabo, Ele prevaleceu (Lc 4.1-13).²⁰⁵

Jesus priorizava a oração em relação à pregação e ao êxito de sua função. Em determinada ocasião, quando um grupo de pessoas chegou para ouvir sua pregação, Ele retirou-se para um local desacompanhado e sossegado, para permanecer em oração. (Lc 5.15-17). Na atualidade, determinados pregadores possuem prioridades distintas a de Jesus, pois extraordinariamente a compreensão de Jesus era que a primazia em sua missão e ocupação era orar. Após uma íntegra vigília em oração, Jesus elegeu seus seguidores (Lc 6.12-16). Por intermédio de uma vida diária de oração foi preparado para enfrentar a cruz (Lc 9.28-31). Com o intuito de obedecer ao desejo do Pai, no Jardim Getsêmani, Jesus entrou em oração e jorrou sangue de si (Lc 22.39-46). Ao seu lado direito na crucificação, havia um ladrão com uma peculiar petição, Jesus então orou para que a porta do céu fosse aberta para esse ladrão (Lc 23.34-43). A posição que Jesus ocupa é próximo do trono de Deus, de onde intercederá em prol de seu povo até que venha pela segunda vez [...]. O maior modelo de vida de oração que podemos adotar como referencial é o modelo da vida de Jesus.²⁰⁶

Dias Lopes corrobora o exposto por Wilkes. O estudioso Wilkes afirma que

²⁰³ VOS, *Op. Cit.*, p. 191.

²⁰⁴ SHEDD, *Op. Cit.*, p. 30.

²⁰⁵ DIAS LOPES, Hernandes. **Piedade e Paixão**. A vida do ministro é a vida do seu ministério. São Paulo: Editora candeia, 2002.

²⁰⁶ DIAS LOPES, *Op. Cit.*

A história de Jesus em Lucas o descreve como um líder que ora. Ele orou a noite inteira antes de escolher o seu grupo de liderança (Lc 6:12-16). Jesus foi transfigurado e a sua missão confirmada por Deus enquanto orava silenciosamente num monte com seus três seguidores mais íntimos (Lc 9:28-36). Seus discípulos pediram que ele lhes ensinasse a orar depois de terem observado o poder da oração em sua vida (Lc 11:1-4). A espera serena mediante oração e reflexão eram características essenciais da vida de Jesus.²⁰⁷

Wilkes ainda ensina que, “ao observar a falta de poder no ministério de seus discípulos, Jesus compreendeu como as disciplinas espirituais lhes eram necessárias.”²⁰⁸ Então o entendimento que Jesus teve é que as disciplinas espirituais eram indispensáveis. Os seus seguidores lhe fizeram uma petição, em outro momento; solicitaram-lhe os ensinasse a orar, pois concluíram que Jesus estava cheio de virtude de Deus, depois de ter orado a noite inteira (Lc 11:1-4). Em resposta, o Mestre lhes ensinou a oração do discípulo. A importância que Jesus deu ao pedido deles demonstrou que entendia a sua carência. A ênfase que Jesus dá é a de preparar seus doze discípulos para a vida ministerial, ensinando-lhes a orar e dando resposta aos seus questionamentos a respeito de seu estilo na vida.²⁰⁹ Segundo Dias Lopes,

Precisamos de líderes piedosos e de líderes sábios, de líderes íntegros e também relevantes. Homens que tenham intimidade com os céus e sabedoria para lidar com os intrincados problemas da terra. É lamentável que muitas pessoas pensem que a piedade nos priva da praticidade. A busca da piedade não é uma alienação. Os homens mais ágeis na terra são os que têm mais intimidade com os céus. Os piedosos são os mais práticos. Vida com Deus não é fuga da realidade.²¹⁰

A falta de apetite por piedade faz com que muitos ministros obtenham o insucesso em seus ministérios. A maioria dos ministros tem tido uma vivência de aparências, fato que é lamentável. Em suas casas e vidas particulares, retratam um comportamento diferente de suas vidas públicas. Suas pregações são vagas e sem virtudes; causam enfados durante as reuniões; sono e tédio; são dissimulados e vivem um engano. A maioria dos pregadores, nos púlpitos, coloca-se de uma maneira distinta às suas tangibilidades. O exercício da piedade deve se dar em qualquer ambiente. Observamos a ineficácia das pregações do ministro se ele for, em seu lar, um esposo mau e um mau pai. Consequentemente, não há possibilidade de transmitir a palavra de Deus se o coração estiver cheio de sujeira. Assim como não há possibilidade de

²⁰⁷ WILKES, *Op. Cit.*, p. 63.

²⁰⁸ WILKES, *Op. Cit.*, p. 204.

²⁰⁹ WILKES, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

²¹⁰ DIAS LOPES, Hernandes. **Com Jesus na escola da vida**. São Paulo: Vox Litteris, 2012, p. 128.

trabalhar de forma sublime com as coisas espirituais, ao passo que se usa a forma impura e perversa de se trabalhar com as coisas terrenas.²¹¹ O reverendo Dias Lopes afirma que:

Hoje precisamos de líderes que sejam cheios de graça. Há líderes que são secos como um poste. Homens que lideram a igreja de Deus com despotismo. Líderes que se sentem donos do rebanho, em vez de serem servos do rebanho. Líderes que são como [...] verdadeiros xerifes da igreja, em vez de serem pastores da igreja. É extremamente lamentável que muitos daqueles que ocupam os postos mais elevados na liderança da igreja sejam aqueles que têm o mais baixo nível de vida espiritual. São homens que, em vez de manifestar a graça em suas palavras e ações, refletem a insensibilidade de um coração duro.²¹²

Aquele ministro que segue uma vida de impurezas, pouco tempo subsiste no ministério, pois suas ações serão manifestas. Só existem duas formas de ele ser: ou será bênção ou será maldição. Todo cristão, em especial os pregadores, precisa exercer a prática da piedade, pois sem essa prática suas vidas ministeriais serão um verdadeiro desastre. Algo também comumente perigoso e enganador é ser ortodoxo sem a prática da piedade.²¹³ Dias Lopes afirma que “há muitos pastores pregando sermões bíblicos, doutrinas ortodoxas, mas seus sermões estão secos e sem vida.”²¹⁴ Dessa forma, compreendemos que não há como desassociar a vida cotidiana da vida ministerial, da vida com a família e da vida no púlpito ou na igreja local. O que somos na igreja, devemos ser em casa, no trabalho, na faculdade ou em qualquer outro lugar.

Dias Lopes enfatiza que “piedade é um estilo de vida. Isto inclui vida doméstica, relacionamento do marido com a esposa e do pai com os filhos. [...] Assim, um ministro sem piedade não tem autoridade para pregar o santo evangelho.”²¹⁵ Dias Lopes, no livro intitulado “De pastor a pastor”, afirma que

há muitos pastores que vivem de aparência. Pregam sobre casamento, mas estão com o matrimônio destruído. Aconselham casais em crise, mas não aplicam os mesmos princípios ao seu próprio relacionamento conjugal. Há pastores que pregam uma coisa e praticam outra. São amáveis com os outros e amargos com a esposa. São tolerantes com as ovelhas e implacáveis com os filhos. Há pastores que são anjos no púlpito e demônios dentro do lar.²¹⁶

²¹¹ DIAS LOPES, 2002, p. 11.

²¹² DIAS LOPES, 2012, p. 39-40.

²¹³ DIAS LOPES, 2002, p. 12.

²¹⁴ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²¹⁵ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 11.

²¹⁶ DIAS LOPES, Hernandes. **De pastor a pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 28.

Dessa forma, liderança piedosa tem haver com reverência, devoção, respeito, amor para com Deus e para com o próximo. É teologia saudável, leitura da Bíblia (a palavra de Deus) diariamente, oração, jejum e tudo aquilo nos aproxima de Deus, nos tornando semelhantes ao seu filho amado Jesus Cristo, que é o nosso maior modelo de liderança piedosa. O líder deve buscar, de forma incessante, uma vida piedosa, sem fazer separação de vida profissional, ministerial ou cotidiana. O líder e todos os cristãos devem buscar viver de forma integral. Dias Lopes afirma que “não podemos separar a ortodoxia da piedade, a doutrina da vida e o credo da conduta.”²¹⁷ O mesmo autor esclarece que

teologia e vida andam juntas. Doutrina e dever caminham lado a lado. Ortodoxia e piedade são inseparáveis. A doutrina desemboca no dever. A teologia é mãe da ética. A vida é consequência da fé. Assim como um homem crê, assim ele é. Não é possível ter vida santa sem doutrina pura. Não é possível ter piedade sem ortodoxia. Não é possível desprezar a verdade e viver uma vida agradável a Deus. Sempre que a igreja separou a doutrina da vida, os resultados foram desastrosos. Ortodoxia sem vida é ortodoxia morta, e ortodoxia morta mata. Não há nada mais escandaloso do que alguém professar uma coisa e viver outra; ser exigente com os outros e indulgente consigo mesmo.²¹⁸

O escritor e pastor Rinne assevera que a igreja deve fazer continuamente “períodos especiais de oração e de jejum.”²¹⁹ Para o autor, “todo presbítero deve buscar continuamente santidade, amor e maturidade espiritual. Ele precisa ser sempre mais parecido com Jesus a fim de liderar como Jesus.”²²⁰ E Jeramie Rinne conclui que “não carecemos apenas de ensino e pregação sólidos acerca da vida cristã obediente, também precisamos ver a santidade na prática. Crescemos por meio da imitação, como os apóstolos imitaram Jesus.”²²¹

Seguindo a mesma linha de pensamento, Dias Lopes nos convida a repensar sobre nossa vida devocional, ministério e liderança piedosa, declarando que

Como pastores, não podemos nos acostumar com o sagrado ao ponto de perdermos a sensibilidade com as coisas de Deus. Como pastores, não podemos ler a Bíblia apenas como profissionais de pregação. Como pastores, não podemos apenas apascentar o rebanho sem nutrir a nossa própria alma. É mister que os pastores voltem ao seu primeiro amor, que restaurem o altar da vida devocional, que deixem de lado as coisas urgentes e comecem a gastar tempo com o que é importante. É necessário que os pastores se consagrem à oração e ao ministério da Palavra. É importante que os pastores se tornem urgentemente reparadores de brechas, homens

²¹⁷ DIAS LOPES, Hernandes. **1 Timóteo: o pastor, sua vida e sua obra**. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 110.

²¹⁸ DIAS LOPES, Hernandes Dias. **Tito e Filemom: doutrina e vida, um binômio inseparável**. São Paulo: Hagnos, 2009, p.72.

²¹⁹ RINNE, Jeramie. **Presbíteros: pastoreando o povo de Deus como Jesus**. Tradução de Rogério Portella. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 132.

²²⁰ RINNE, *Op. Cit.*, p. 120.

²²¹ RINNE, *Op. Cit.*, p. 115.

de lágrimas, que chorem por si mesmos e pelo povo de Deus. É preciso que os pastores sejam santos, piedosos de almas, prontos a viver e a morrer pela causa do Evangelho.²²²

É nessa mesma perspectiva que o pastor e teólogo Lutzer afirma que “o padrão do Novo Testamento é a igreja sendo liderada por um grupo de homens piedosos.”²²³ Sendo assim, a palavra de Deus regulamenta e estabelece princípios importantes para desfrutarmos dos benefícios de uma vida de piedade, principalmente com aqueles que exercem alguma liderança ou ministério na igreja local.

Dias Lopes explica que a antítese constante em grande parte das igrejas é que estão cheias de pessoas vazias e vazias de pessoas cheias de Deus. Este fato ocorre porque os condutores do rebanho não estão formando discípulos, conforme a imagem e semelhança de Deus, e sim discípulos que estão satisfeitos em serem conforme as suas próprias imagens e semelhanças. Por causa disso, temos visto uma sociedade cada vez mais decadente, apesar da expansão acelerada da igreja evangélica brasileira. Características como ser um homem de Deus, ter uma vida separada do mundo, ser piedoso, são elementos essenciais e indispensáveis na vida de um pregador, caso contrário, ele será um impedimento e não um modelo para a igreja.²²⁴

Carecemos ser preenchidos do Espírito, a fim de que se derrame de nossos lábios louvores de honra e expressão de comunhão, para que sejam exteriorizados comportamentos de caridade e serviço ao próximo. Para o exercício da obra de Deus, é necessária a capacitação através do primor do Espírito.²²⁵

4.3 LIDERANÇA VOCACIONADA E COMISSIONADA

Dias Lopes afirma que “os apóstolos foram homens chamados diretamente por Jesus e por ele comissionados.”²²⁶ O teólogo Wilkes ensina que “quando Jesus chamou os discípulos, na encosta de um monte, e os incumbiu de continuarem essa missão, ele não estava abdicando da responsabilidade pela missão - mas apenas compartilhando essa responsabilidade.”²²⁷ Dias

²²² DIAS LOPES, 2002, p. 29.

²²³ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro São Paulo: Vida, 2000, p 59.

²²⁴ DIAS LOPES, *Op. Cit.*, p. 12.

²²⁵ DIAS LOPES, 2012, p. 36-37.

²²⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas**: A carta da liberdade cristã. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 33.

²²⁷ WILKES, *Op. Cit.*, p. 191.

Lopes nos lembra que “todos os quatro evangelistas deram ênfase à grande comissão”²²⁸ e que “fica evidente, na grande comissão, que o propósito de Deus é o evangelho todo, por toda a igreja, em todo o mundo, a toda criatura.”²²⁹ Nessa perspectiva, o mesmo autor postula que

os onze discípulos atenderam à ordem de Jesus e deixaram Jerusalém, rumando para a Galileia, e ali, no monte designado pelo Senhor, ele se deu a conhecer a eles. Logo que o viram, eles o adoraram. Alguns, porém, duvidaram. É nesse cenário, num dos montes da Galileia, que Jesus entrega a seus discípulos a grande comissão.²³⁰

Hendriksen declara que a mensagem de Jesus Cristo não foi elaborada somente para as pessoas viventes em sua época. Mas sua elaboração visa atravessar todas as eras. Em virtude desse fato, Jesus, ao iniciar a sua missão, escolheu homens que continuariam, ao longo dos tempos, anunciando a sua palavra por meio de demonstrações escritas e verbais. O fato de um mestre ter em sua proximidade um agrupamento de coparticipantes ou seguidores era habitual naquele tempo, além dos ouvintes em geral. Algumas figuras dos tempos passados também tiveram seus seguidores como, por exemplo, os rabinos, os fariseus, João Batista, Sócrates, entre outros. Todavia, o propósito da escolha dos seguidores é estabelecer um elo entre Jesus e Sua Igreja, a saber, seus discípulos. Através dos evangelhos neotestamentários, podemos conhecer muito a respeito de Jesus Cristo, podemos destacar nomes como Pedro, João e Mateus, os quais tiveram um papel relevante na construção desse conhecimento. Em sua caminhada às proximidades do Mar de Tiberíades, o Mestre chama, de modo seletivo, homens, a fim de segui-lo.²³¹

Os discípulos de Jesus Cristo tinham uma tarefa peculiar: a de anunciar a chegada do Reino. Com a certeza de que o Rei viria, teriam de engendrar o caminho para a Sua vinda. A palavra anunciada pelos discípulos não era de suas autorias, apenas era transmitida por eles. O que ensinavam às pessoas eram as boas novas do reino, sem considerar suas opiniões. A palavra anunciada tinha que ser audível e visível. Dentre as múltiplas tarefas, expulsariam espíritos imundos, ressuscitariam mortos, restabeleceriam à saúde aos doentes e anunciariam que o Reino estava próximo. As boas novas proclamadas abrangeriam milagres e livramentos. Para dar liberdade aos encarcerados, Jesus Cristo veio ao mundo. Sua obra foi explícita na dissipação das obras do diabo, assim como o resgate dos perdidos das mãos do adversário.²³²

²²⁸ DIAS LOPES, 2019, p. 819.

²²⁹ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²³⁰ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²³¹ HENDRIKSEN, *Op. Cit.*, p. 80.

²³² DIAS LOPES, 2019, p. 332.

Os dozes apóstolos foram incumbidos pelo Mestre a executar Seu trabalho, e para isto, outorgou-lhes virtudes e preparo para a obra que iriam realizar. Todas as ações dos discípulos não eram realizadas de forma autônoma, eles estariam representando Jesus.²³³ Dias Lopes assevera que “na comissão aos doze apóstolos, Jesus concede a eles poder e autoridade. Poder é a capacidade de realizar uma tarefa, e autoridade é o direito de realizá-la. Jesus concedeu ambos a eles.”²³⁴

Na mesma perspectiva, Wiersbe ensina que

quando Jesus chamou os doze apóstolos, seu propósito era ensiná-los e treiná-los para que pudessem auxiliá-lo e, no tempo certo, tomar seu lugar quando voltasse para o Pai (Mc 3:13-15). Antes de enviá-los, reafirmou a autoridade que havia lhes concedido para curar e expulsar demônios (Mc 6:7) e lhes deu algumas instruções.²³⁵

Dias Lopes elenca três características na comissão dos apóstolos, afirmando que “a comissão dada aos doze contempla três áreas distintas: a libertação dos endemoniados, a cura dos enfermos e a pregação do evangelho do reino de Deus.”²³⁶ O autor declara, ainda, que “Jesus demonstra o seu cuidado com o homem todo. Por isso, comissiona os apóstolos a exercerem o ministério de pregação, cura e libertação.”²³⁷ Dessa forma, assim como o Senhor Jesus Cristo vocacionou e comissionou os apóstolos, hoje Cristo continua chamando os salvos, para trabalharem segundo o propósito ao qual Deus chamou.

O teólogo Swindoll argumenta que

quando Deus observa a terra em busca de líderes em potencial, ele não procura anjos encarnados, nem tampouco pessoas perfeitas, pois certamente não há uma sequer. Ele busca homens e mulheres como você e eu, simples indivíduos de carne e osso.²³⁸

Bevere, porém, entende que “a designação por Deus é tão necessária, que nem mesmo Jesus assumiu a sua posição de liderança, mas foi designado pelo Pai.”²³⁹ Bevere afirma, ainda, que somente Jesus designa esses ofícios divinos; e declara que “ninguém mais pode

²³³ WIERSBE, 2006b, p. 168.

²³⁴ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²³⁵ WIERSBE, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²³⁶ DIAS LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o homem perfeito.** São Paulo: Hagnos, 2017, p. 286.

²³⁷ DIAS LOPES, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²³⁸ SWINDOLL, Charles R. **Davi: um homem segundo o coração de Deus.** Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 22-23.

²³⁹ BEVERE, John. **Assim diz o SENHOR.** Como saber quando Deus está falando através de outra pessoa. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 142.

colocar um ser humano nessas posições de autoridade, exceto o Senhor, e Ele o faz através do Espírito de Deus.”²⁴⁰

O pastor e missionário Lidório explica que “Chamado e Vocação são termos similares na Palavra de Deus”²⁴¹ e, segundo ele, essas palavras são derivadas da expressão

kaleo – que indica *chamar* ou *convocar*. Na Palavra de Deus, todos os discípulos de Cristo são chamados – convocados – para o seguirem e, em todo o Novo Testamento, vemos que Deus chama para muitos propósitos.²⁴²

Lidório afirma, ainda, que “a origem do chamado não é o homem ou a igreja, mas sim Deus. E a finalidade do chamado não é puramente servir aos homens ou à igreja, mas a Deus.”²⁴³ Lidório entende que “todos os redimidos em Cristo são vocacionados. Não existimos de forma aleatória e despropositada.”²⁴⁴ Ele acrescenta que “Deus chama toda a Sua Igreja para a salvação e a missão, portanto somos todos vocacionados para servi-lo com tudo o que somos e temos em Cristo Jesus.”²⁴⁵ Todavia, Lidório pondera que, apesar de toda a igreja ser vocacionada, Deus separou pessoas para serviços ou vocações diferentes e específicas. Segundo ele:

é clara na Palavra de Deus a vocação ao ministério para desempenho de uma função específica no Reino. Entendo que este ministério se baseia nos dons que Cristo distribuiu em Sua Igreja para que ela seja edificada e cumpra a sua missão. Estes dons são específicos e funcionais.²⁴⁶

Stott entende que, embora todos os cristãos sejam chamados por Deus, em termos gerais, “nem todos os cristãos são chamados ou para dar suas vidas ou para gastar todo o seu tempo [...] É claramente impossível que todos façam todas as coisas que precisam ser feitas.”²⁴⁷ Nessa perspectiva, Stott ensina que

alguns são de fato chamados para serem missionários, evangelistas ou pastores, e outros para as grandes profissões do direito, da educação, da medicina e das ciências sociais. Mas outros são chamados para o comércio, para a indústria, para a agropecuária, para a contabilidade e para o sistema bancário, para o governo local ou para o parlamento, e para a mídia, enquanto ainda há muitas jovens que encontram sua vocação no lar, na maternidade sem seguir uma carreira independente também. Em todas essas esferas, e em muitas outras além dessas, é possível para os cristãos

²⁴⁰ BEVERE, 2014, p. 141.

²⁴¹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Viçosa – MG: Editora Ultimato, 2014, p. 7.

²⁴² LIDÓRIO, *Op. Cit., Loc. Cit.*

²⁴³ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, p. 8.

²⁴⁴ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, p. 9.

²⁴⁵ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, p. 17.

²⁴⁶ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, p. 11.

²⁴⁷ STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo**. São Paulo: Editora Candeia, 2008, p. 32.

desempenharem sua profissão de maneira cristã e não considerá-la nem como um mal necessário (necessário, isto é, para sobrevivência), nem mesmo como um lugar útil para evangelizar ou para ganhar dinheiro para evangelização, mas como vocação cristã, como o meio pelo qual Cristo chamou-os para gastar suas vidas no serviço dele.²⁴⁸

O teólogo Lutzer argumenta seguindo essa mesma linha de pensamento, ele acredita que existe um chamado específico para exercer a liderança de uma igreja local e está certo que de fato o próprio Deus vocacionou o líder para cuidar do rebanho de Cristo. Segundo Lutzer

como nos tempos bíblicos Deus chamou muitos indivíduos para ministérios específicos, é razoável crer que faça o mesmo hoje. Embora não chame de forma audível agora que o Novo Testamento está completo, temos uma base satisfatória pela qual podemos pôr à prova a direção interior do Espírito.²⁴⁹

Os eruditos Menzies e Horton entendem que de fato

é Deus quem determina a chamada de seus servos para a execução de trabalhos específicos no ministério cristão. Entretanto, isso não exclui a aspiração de jovens capazes e dinâmicos de se envolverem na Seara do Mestre. Neste caso, há uma evidente cooperação divino-humana.²⁵⁰

Citamos mais uma vez Lidório, que nos ensina que essa doutrina é clara na palavra de Deus, e que há “a vocação ao ministério para desempenho de uma função específica no Reino. Entendo que este ministério se baseia nos dons que Cristo distribuiu em Sua Igreja para que ela seja edificada e cumpra a sua missão.”²⁵¹ Deste modo, pode-se afirmar que o mesmo Deus que chama (vocaciona) e comissiona, é o mesmo que distribui diferentes ministérios ou serviços para sua igreja de forma soberana através do Espírito Santo.

Chafer afirma que “o Espírito regenera, habita e unge, batiza, sela, e enche, a fim de criar assim não somente os fatores essenciais que juntos tornam o cristão o que ele é, mas os capacita a andar dignamente da vocação em que foram chamados.”²⁵² Chafer assevera ainda que

é evidente que nenhum recurso humano poderia capacitar qualquer pessoa a chegar ao cumprimento destas responsabilidades celestiais e que Deus, quando previu a

²⁴⁸ STOTT, *Op. Cit.*, p. 31.

²⁴⁹ LUTZER, *Op. Cit.*, p. 14.

²⁵⁰ MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. **Doutrinas Bíblicas**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 198.

²⁵¹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Editora: Ultimato. Viçosa. MG. 2014 p.11

²⁵² CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 418.

incapacidade do crente de andar digno da vocação a que foi chamado, livremente lhe concedeu o seu Espírito capacitador para morar em cada um que é salvo.²⁵³

Ainda sobre o Espírito Santo, o pastor e escritor Tripp afirma que “o Espírito Santo nos comissionou para sermos seus instrumentos, e o nosso trabalho é fazer tudo o que pudermos para sermos instrumentos afiados em suas mãos redentoras.”²⁵⁴

O chamado de Deus à Sua obra, conseqüentemente, produz uma qualificação por parte Dele a quem irá executá-la. Isto porque, Deus é mais diligente em relação à saúde da sua igreja, do que qualquer outro ser. Uma vez que Deus é o outorgante dos talentos, Ele é o mais interessado em que esses talentos sejam utilizados. Um atributo peculiar de Deus é ser zeloso, mais que qualquer outro, pelo seu próprio esplendor. Ele é preparado e onipresente; grandioso em poder e onisciência. Seu amor e seu favor são imensuráveis. Ele é infundavelmente fiel e imutável. Perpetuamente sua mensagem terá veracidade. A salvação pelo seu poderio não cessará jamais. Sempiterno será seu reino. Não há ser maior que Deus a ponto de cativá-lo. As obras inerentes ao chamado do homem se fundamentam no Pai, e podem ser desenvolvidas com toda firmeza, pois não provém de esforços humanos e sim da bondade de Deus.²⁵⁵

Segundo os teólogos Menzies e Horton, a vocação de Deus não acontece por meio do desejo humano, assim como o seu preparo para o trabalho na obra. No entanto, a instrução é para que os jovens que são saudáveis na esfera moral e espiritual, dotados de capacidade e energia, estejam dispostos, qualificando-se para o exercício do serviço cristão, mediante a ordenação divina. Na atualidade, corre-se o risco de os jovens não escutarem a ordenação para o ministério. Desta forma, a voz de Deus não pode ser confundida por nós. Nossa visão deve ser anunciar a mensagem do evangelho ao mundo necessitado em detrimento à nossa satisfação pessoal. Que a glória de Deus seja maior a cada dia por intermédio do nosso trabalho.²⁵⁶

O professor Williams entende que “o chamado ou vocação de alguém em vida, [...] sugere alguma dimensão além da decisão humana.”²⁵⁷ Wiersbe nos lembra que

todo cristão deve esquadrihar a própria vida frequentemente, a fim de averiguar se não está negligenciando o chamado de Cristo. Todavia, se Deus o chamou para o ministério certamente não terá para onde correr, pelo fato de que Deus criará

²⁵³ CHAFER, *Op. Cit.*, p. 79-80.

²⁵⁴ TRIPP, Paul. **Vocação perigosa**. Traduzido por Meire Portes Santos. São Paulo: Cultura Crista, 2014, p. 128.

²⁵⁵ TRIPP, *Op. Cit.*, 105.

²⁵⁶ MENZIES; HORTON, *Op. Cit.*, p. 198-199.

²⁵⁷ WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Tradução de Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011, p. 363.

situações ou circunstância para que no final de tudo, prevaleça a vontade soberana de Deus através do Espírito Santo na vida do vocacionado.²⁵⁸

O teólogo Swindoll comenta sobre os diferentes métodos que Deus utiliza, de forma soberana e independente, para chamar pessoas das mais diversas maneiras. Nas palavras do autor:

Alguns de vocês, nos momentos tranquilos de sua vida, perceberam a vocação para a qual Deus os estava chamando. Isso pode ter acontecido num acampamento ou num retiro, onde você lançou um ramo de promessa no fogo, havendo estabelecido um objetivo para seguir. É possível que isso acontecesse no silêncio do seu quarto depois do culto na igreja certa noite. Ou talvez em seu dormitório de estudante na faculdade. Você não conseguia dormir e pegou então a Bíblia, descobrindo nela alguns pensamentos que começaram a fazer sentido. Em breve, eles atiraram uma flecha diretamente sobre algum objetivo novo e interessante.²⁵⁹

Lutzer descreve a forma inusitada como Deus chamou teólogo João Calvino, através do inflamado pregador Farrel. Conforme a descrição de Lutzer:

Deus pode escolher confirmar o chamado por meio de coincidências especiais ou por intermediação humana. Por exemplo, o jovem teólogo João Calvino passou a noite em Genebra depois que o inflamado pregador Farrel lhe apontou o dedo e disse: “Se você não ficar aqui em Genebra e não ajudar o movimento de reforma, Deus o amaldiçoará!”. É certo que foi algo incomum, mas será que alguém discordaria de que Calvino fora chamado por Deus para ministrar em Genebra? Sem dúvida esse episódio, verdade seja dita, foi o modo que Deus usou para limitá-lo a um ponto geográfico específico, mas não devemos restringir os meios que Deus pode utilizar para nos atrair a atenção e ajudar a entender que sua mão nos está separando para um serviço especial.²⁶⁰

Wiersbe, por sua vez, conta, de forma brilhante, o modo como Deus chamou Spurgeon. Segundo Wiersbe,

No dia 6 de janeiro de 1850, uma tempestade de neve praticamente paralisou a cidade de Colchester, na Inglaterra, e um rapaz não conseguiu chegar à igreja que costumava frequentar. Assim, se dirigiu a uma capela metodista muito simples perto de sua casa, onde um leigo despreparado substituiu o pastor que não havia aparecido. O texto de sua mensagem era Isaías 45:22: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra”. Fazia meses que esse rapaz estava infeliz, e seu coração pesava por causa de seus pecados; mas, apesar de ter crescido dentro da igreja (tanto seu pai quanto seu avô eram pastores), não tinha a certeza da salvação. O pregador improvisado não tinha muito o que dizer, de modo que continuou repetindo o texto. “Não é preciso fazer uma faculdade para ser capaz de olhar”, gritava. “Qualquer um pode olhar, uma criança pode olhar”. Foi então que viu o jovem visitante ali sentado, apontou para ele e disse: “Meu rapaz, você parece

²⁵⁸ WIERSBE, *Op. Cit.*, p. 847.

²⁵⁹ SWINDOLL, *Op. Cit.*, p.199-200.

²⁶⁰ LUTZER, *Op. Cit.*, p. 18.

extremamente infeliz. Olhe para Jesus Cristo!” O rapaz olhou para Cristo pela fé, e foi assim que o grande pregador, Charles Haddon Spurgeon, se converteu.²⁶¹

Deus é soberano e faz tudo conforme a sua santa e perfeita vontade, de forma que, muitas vezes, a mente humana não compreende o modo como Deus vocaciona, escolhendo santos homens de Deus para liderar e cuidar da sua igreja; colocando desejo, fé e confiança em Cristo, para realizar o chamado de Deus. Chafer garante que “o pastor é um líder divinamente designado e um mestre na promoção deste empreendimento”.²⁶²

No que tange ao chamado, Tripp declara que esse consiste em uma “posição de liderança, influência e proeminência, mas, nessa posição, você é chamado para ‘se humilhar sob a poderosa mão de Deus’”.²⁶³ Já o teólogo Lutzer define vocação da seguinte forma: “o chamado de Deus é uma convicção interior, dada pelo Espírito Santo e confirmada pela Palavra e pelo corpo de Cristo.”²⁶⁴ Lutzer nos recomenda que “nossa reação ao chamado de Deus deve ser de humildade.”²⁶⁵

Conforme Lidório, o líder ou o ministério não estão associados a uma “posição de destaque ou superioridade na Igreja.”²⁶⁶ Assim sendo, do ponto de vista do autor, aquele que “utiliza sua função ministerial como ponte para se destacar ou se impor a outros não compreende o significado da vocação bíblica. É justamente o contrário. Aqueles que são chamados ao ministério são chamados prioritariamente para servir.”²⁶⁷

Em consonância com o pensamento exposto, Dias Lopes declara, enfaticamente, que “o pastorado é uma vocação para o trabalho, e não uma plataforma de privilégios. O pastor não pode ser um homem indolente e preguiçoso, mas deve labutar e empenhar-se ao máximo em sua tarefa de levar as pessoas a Cristo”.²⁶⁸ A esse respeito, na compreensão de Dias Lopes, “a certeza do chamado divino é que lhe dá direção em tempos tenebrosos. É a convicção de que o Espírito Santo nos constituiu bispos sobre o rebanho que nos dá paz para continuarmos no trabalho, mesmo diante de circunstâncias adversas.”²⁶⁹

Tripp, ao tratar sobre vocação com seus alunos, expressou um desejo em relação ao seu alunado. Nas palavras do autor: “eu queria que os meus alunos entendessem que eles são chamados não apenas para pregar sermões exegeticamente corretos e teologicamente precisos,

²⁶¹ WIERSBE, *Op. Cit.*, p. 381-382.

²⁶² CHAFER, *Op. Cit.*, p. 22.

²⁶³ TRIPP, *Op. Cit.*, p. 184.

²⁶⁴ LUTZER, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

²⁶⁵ LUTZER, *Op. Cit.*, p. 17.

²⁶⁶ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, p. 17.

²⁶⁷ LIDÓRIO, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

²⁶⁸ LOPES, 2014, p. 105.

²⁶⁹ LOPES, 2012, p. 416.

mas também para pastorear pessoas, para andar, viver, apoiar e sofrer com elas.”²⁷⁰ Ao se referir aos pastores da igreja de Cristo, Tripp postula, de forma brilhante:

Pastor, você foi vocacionado para ser um embaixador de glória para esses abatidos. Você foi vocacionado para resgatar aqueles que estão desanimados e confusos. Você foi vocacionado para representar Aquele que é glória a pessoas que, por meio de sofrimento e desapontamento, se tornaram céticas da glória. Você foi vocacionado para ser a voz de Deus para persuadi-los a voltar. Você foi colocado na vida delas como um meio divino de resgate, cura e restauração. Você foi vocacionado para falar na confusão com a clareza e autoridade do evangelho. Você foi vocacionado para dar esperança segura de glória àqueles que se tornaram desesperançados. Você foi vocacionado para falar verdades libertadoras àqueles que se tornaram enganados. Você foi vocacionado para suplicar a filhos desleais que se reconciliem novamente com o seu Pai celestial. Você foi vocacionado para dar motivação gloriosa àqueles que desistiram. Você foi vocacionado para resplandecer a luz da glória de Deus aos corações que foram enegrecidos por procurarem vida em todos os lugares errados. Você foi vocacionado para oferecer àqueles que estão vazios e subnutridos as glórias da graça que trazem saciedade. Você foi vocacionado para representar um Rei glorioso que, sozinho, é capaz de resgatar, curar, redimir, transformar, perdoar, livrar e satisfazer. Você foi vocacionado.²⁷¹

A respeito do ministério pastoral, Stott, na mesma perspectiva, afirma que, na visão neotestamentária, a figura do pastor é o de uma

peessoa que ajuda e encoraja todo o povo de Deus a descobrir, desenvolver e exercer seus dons [...] e para capacitar o povo de Deus a ser um povo que serve, ministrando ativa, porém humildemente, num mundo de alienação e de dor.²⁷²

Corroborando com a mesma ideia, Wiersbe expõe as atribuições dos pastores. Ele afirma que “entre as tarefas dos pastores, estão as de alimentar, liderar, encorajar, disciplinar e guardar o rebanho. O pastor deve assumir a supervisão e ser o líder da igreja. O que seria do rebanho se a ovelha guiasse o pastor, ou se cada ovelha seguisse seu caminho?”²⁷³ Wiersbe afirma, ainda, que

o pastor deve servir ao Senhor de boa vontade, porque ama a Cristo e ao rebanho, não apenas porque tem um trabalho a fazer. Ele nunca deve servir por [...] prestígio, seja por poder, seja por promoção. Ele deve ser zeloso (pronto) com o trabalho, não ser indiferente nem preguiçoso.²⁷⁴

E o doutor Stott conforta e anima a liderança cristã ressaltando que

²⁷⁰ TRIPP, *Op. Cit.*, p. 36.

²⁷¹ TRIPP, *Op. cit.*, p. 121.

²⁷² STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**: a nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. 6ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2001, p. 120.

²⁷³ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe**. Novo Testamento. Volume 2. Tradução de Regina Aranha. Santo André – SP: Geográfica Editora, 2008, p. 801.

²⁷⁴ WIERSBE, *Op. Cit.*, *Loc. Cit.*

o líder cristão foi comissionado por Deus para uma tarefa de responsabilidade e serviço. Tem exigências e tensões próprias de todo líder, e enfrenta também pressões e conflitos que derivam da luta espiritual que Satanás impõe contra o evangelho e contra aqueles que o proclamam. Mas o líder cristão sabe que o seu Senhor é quem o capacita, quem o nutre e quem o acompanha. Se aprendermos a levar em conta os ensinamentos do nosso Senhor, se obedecermos os seus mandamentos, se seguirmos os seus passos, então o nosso jugo será suave, e poderemos cumprir a nossa missão com eficiência e com alegria.²⁷⁵

Tripp, de forma brilhante, ao se referir aos pastores, enfatiza que, no mundo, a direção a ser tomada é para convencer as pessoas a arrependem-se, entregando-se a Deus pela mensagem propagada através do pastor. A tarefa do pastor é transmitir às pessoas a salvação, à restituição e à cura. A missão do pastor envolve a promoção do entendimento e do poder do evangelho diante do caos. Há muitos desiludidos, e o pastor foi comissionado para propiciar a essas pessoas convicção de glória. O pastor tem como missão anunciar a verdade que deixa livre os que estão presos pela mentira; faz parte também de sua missão lutar, a fim de que os desobedientes se convertam a Deus; e, ainda, compete ao pastor, enquanto missão, propiciar a honra da graça que dá satisfação aos que estão sedentos e famintos. O chamado do pastor abrange incentivar espiritualmente os que pararam na caminhada. Esse tem como responsabilidade evidenciar o resplendor da glória de Deus no íntimo dos que estão em trevas, por procurarem refúgio em lugares errôneos. A vocação do pastor é representar o Deus Majestoso, único em realização de proezas, salvação, redenção, transformação, libertação, perdão e contentamento. O pastor é uma pessoa vocacionada.²⁷⁶

²⁷⁵ STOTT, John R. W. **Os desafios da liderança cristã**. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU Editora, 2004, p. 63-64.

²⁷⁶ TRIPP, *Op. Cit.*, p. 121.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, realizamos uma análise sobre o ministério de Jesus. Buscamos apresentar os atos poderosos do Mestre aos seus discípulos, bem como a todos aqueles que ouviram e participaram de cada episódio vivido por Jesus em sua missão terrena. Na perícope do lava-pés, foi demonstrado a relevância e o propósito desse episódio, a fim de entendermos e interpretarmos corretamente aquilo que de fato Jesus queria ensinar e deixar como modelo de serviço cristão a todos os seus seguidores. A pesquisa é de cunho bibliográfico, pautada na literatura bíblico-teológica. A exposição da fundamentação teórica foi desenvolvida ao longo dos capítulos, para mostrar o serviço na práxi de Jesus, bem como o grande valor do ato praticado pelo Mestre dos mestres, demonstrando a suma importância de como se deve liderar seguindo seu exemplo.

No primeiro capítulo, apresentamos o serviço nos atos e nos ensinamentos de Jesus, relatando, primeiramente, os milagres e as curas como serviço. Todavia, foi feita uma distinção entre ambos, visto que os escritores sinóticos, assim como João, fazem essa diferenciação no ministério de Jesus. Diferenciando de uma doença normal, tratamos como atos de serviço os exorcismos, causados por entidades malignas, as quais se submetiam a autoridade de Jesus, evidenciando a chegada do reino. Outro ato apresentado, o qual consideramos como sendo o maior deles, identificados na vida de Jesus, foi sua morte na cruz em prol de toda humanidade, completando, de forma cabal, seu serviço (Mc 10:45). E, por último, destacamos seus ensinamentos, bem como as parábolas usadas como método aplicado por Ele para alcançar seu propósito.

No segundo capítulo, analisamos a narrativa do lava-pés como paradigma de serviço registrado em João 13.1-20. Consideramos que, nessa passagem, Jesus redefiniu o conceito de liderança através de um ato tão sublime e, ao mesmo tempo, tão humilhante, haja vista ser uma tarefa de conotação negativa. No episódio em questão, Jesus toma o lugar de um serviçal, a fim de ensinar uma lição profunda sobre o que realmente significa grandeza no Reino de Deus. Nessa perspectiva, Jesus personificou a liderança como modelo de serviço no episódio do lava-pés, no qual se deve ter como base o amor, a humildade e a prática. Jesus exemplificou como seus discípulos deveriam fazer.

No terceiro capítulo, fizemos uma abordagem sobre o serviço como estratégia de liderança. Entendemos que Jesus nos dá orientações e ensinamentos práticos e valiosos para uma liderança atual. Lavar os pés dos discípulos foi o modelo completo de liderança que Jesus apresentou. Sendo assim, o conceito de como se deve liderar de forma relevante, subjaz da ideia que essa liderança tem que ser servil; negando o orgulho, a ambição e o sentimento

de grandeza medida pelo autoritarismo e pela imposição. Compreendemos que o modelo apresentado por Jesus demanda que a pessoa seja servo, antes de ser promovida a uma posição de liderança. Outras estratégias ou modelo a serem seguidos pelo ministro foram apresentadas ao longo do capítulo. Um dos modelos consiste em que o pastor seja uma liderança piedosa; que tenha intimidade com Deus; que apresente uma vida dedicada à leitura diária da bíblia, à oração e à prática do jejum; e que expresse um estilo de vida de consagração e dependência exclusiva de Deus, assim como Jesus dependeu. Entendemos que o líder precisa fazer esses exercícios espirituais, a fim de alcançar uma maturidade espiritual e uma santidade prática, de modo que esteja sempre forte diante das ameaças que se levantarem contra o seu chamado. Outro modelo refere-se a uma liderança vocacionada e comissionada por Jesus. Os dozes apóstolos foram designados pelo Mestre a executarem seu trabalho e, para isto, Ele os vocacionou ao ofício que iriam realizar. Assim sendo, expomos como Deus chama alguém, de forma soberana e independente, capacitando-o através de se Espírito Santo a desempenhar funções e chamados específicos.

Na concepção secular, a palavra liderança aponta para um lugar ou uma posição de honra, destaque, importância, prestígio e eminência. Infelizmente, esse ponto de vista tem servido de referência para muitos que estão envolvidos nos trabalhos das igrejas locais, levando-os a se sentirem superior aos demais. Muitos, hoje, compreendem o ministério cristão como um espaço de fama, poder e busca pelo frenético reconhecimento pessoal. Nessa perspectiva, a sociedade em que estamos inseridos entende que o ápice da liderança está relacionado ao fato de que aquele que está sendo servido é o maior ou tem mais importância se comparado àqueles que estão em sua volta. Todavia, ao analisarmos o serviço através da vida de Cristo, a práxis de Jesus apresenta um modelo perfeito de serviço para a liderança cristã. Assim sendo, consideramos importante que o líder faça continuamente a seguinte pergunta reflexiva: Como posso servir melhor a minha comunidade e as pessoas que estão em minha volta?

No contexto atual, o líder deve aplicar esse padrão de serviço nos lares, nas faculdades, nos trabalhos e dentro das igrejas; amando e servindo mais ao próximo; dando importância aos amigos e aos irmãos da comunidade cristã; mantendo a prática do amor e da humildade; e conhecendo melhor o contexto de cada pessoa, sempre assistindo no que for possível.

6 REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. (ed. ger.). **Comentário bíblico Brodmann. Artigos gerais: Mateus – Marcos. Novo Testamento. v. 8.** Tradução de Adie Almeida de Oliveira. 3 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos.** Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BAXTER, Richard. **Manual pastoral de discipulado.** Tradução de Elizabeth Gomes. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** Tradução de C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BERKHOF, Louis. **Introdução ao Novo Testamento.** Traduzido por Degmar Ribas e Michael Ribas - 1º edição - CPAD - Rio de Janeiro 2014.
- BEVERE, John. **Assim diz o SENHOR.** Como saber quando Deus está falando através de outra pessoa. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- BÍBLIA. **Bíblia Shedd.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. 2 ed., Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB); São Paulo: Vida Nova, 2013a.
- BÍBLIA. **Bíblia da mulher segundo o coração de Deus.** Tradução de João Ferreira de Almeida. 1 ed., São Paulo: Hagnos, 2013b.
- BÍBLIA. **Bíblia de estudo Genebra.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. 2. ed., Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil/Cultura Cristã, 2009.
- BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemático.** Santo André - SP: Academia Cristã/Paulus, 2011.
- BRUCE, F. F, **João: Introdução e comentário.** Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- _____. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- BURGE, Gary M. **Jesus, O Contador de Histórias do Oriente Médio.** Tradução de Karem de Andrade Bandeira. 3º impressão, Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- CABRAL, Elienai. **Parábolas de Jesus.** Advertências para os dias de hoje. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma historia da Igreja crista;** tradução Israel Belo de Azevedo. 2 ed., São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2003.

COLEMAN, William L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucilia Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COSTA, José Carlos de Lima. **A influência do profetismo hebraico na práxis de Jesus à luz dos evangelhos sinóticos** [manuscrito]. – 2012.

CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea**: a veracidade da fé crista. Tradução A. G. Mendes, Hans Udo Fuchs, Valdemar Kroker. 2 ed., São Paulo: Vida Nova, 2012.

DIAS LOPES, Hernandes. **Mateus**: Jesus, o rei dos reis. São Paulo: Hagnos, 2019.

_____. **Lucas**: Jesus, o homem perfeito. São Paulo: Hagnos, 2017.

_____. **João**: as glórias do Filho de Deus. São Paulo: Hagnos, 2015.

_____. **1 Timóteo**: o pastor, sua vida e sua obra. São Paulo: Hagnos, 2014.

_____. **Com Jesus na escola da vida**. São Paulo: Vox Litteris, 2012.

_____. **Gálatas**: A carta da liberdade cristã. São Paulo: Hagnos, 2011.

_____. **Tito e Filemom**: doutrina e vida, um binômio inseparável. São Paulo: Hagnos, 2009.

_____. **De pastor a pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008.

_____. **Marcos**: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006.

_____. **Piedade e Paixão**. A vida do ministro é a vida do seu ministério. São Paulo: Editora candeia, 2002.

_____. **As faces da Espiritualidade**. São Paulo: Editora Candeia, 2000.

ELMER, Duane. **Servindo ao Próximo com a Humildade de Cristo**. Tradução de Eulália Pacheco Kregnes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ERWIN, Gayle D. **O estilo de Jesus**: lições práticas da sua vida e ministério. Tradução de Cristina Frey. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

EVANS, Craig A. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**: Lucas. Tradução do Rev. Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé crista. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do NT grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GOWER, Ralph. **Novo Manual dos Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos**. 2 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento Grego**: Mateus – Apocalipse. Tradução de Nélio Schneider. Revisão de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Targumim - Hagnos, 2009.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

_____. **Marcos**: comentário do Novo Testamento. 1 ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HURTADO, Larry W. **As origens da adoração cristã**: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. Tradução A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

JEREMIAS, Joachim. **A mensagem central do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda., 2005.

_____. **As Parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende da Costa. 5 ed., São Paulo: Editora Paulus, 1986.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLER, Timothy J. **O Deus prodigo**: descubra a essência da fé cristã na parábola mais tocante de Jesus. Tradução André Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

KISTEMAKER, Simon J. **Os Milagres de Jesus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

KIVITZ, Ed René. **Talmidim**. O passo a passo de Jesus. São Paulo: Mundo cristão, 2012.

KONINGS, J. **Evangelho Segundo João**. Amor e fidelidade. Comentário Bíblico NT. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

KRAYBILL, Donald B. **O Reino De Ponta Cabeça**. Tradução de Fernanda Milczarek. Bragança Paulista – SP: Editora: Mensagem Para Todos, 2017.

LADD, George Eldon, **O evangelho do reino**: estudos bíblicos sobre o reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

_____. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar R. Júnior. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

LIÇÕES Bíblicas. **Academia espiritual**. Exercícios devocionais para sobreviver e se fortalecer na vida cristã. 320 ed., São Paulo: Igreja Adventista da Promessa, 2017.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Viçosa – MG: Editora Ultimato, 2014.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério**. Tradução Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000.

MACARTHUR, John. **Doze homens extraordinariamente comuns: como os apóstolos foram moldados para alcançar o sucesso em sua missão**. Tradução Susana Klassen. 2 ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular Novo testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MAHANEY, C. J. **Humildade, verdadeira grandeza**. Tradução de Ana Paula Eusébio Pereira. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2008.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. **Doutrinas Bíblicas**. 1. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

MICHAELS, J. Ramsey. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**. João. São Paulo. Editora Vida, 1994.

MORRIS, Leon L. **Lucas**. Introdução e Comentário. Vida Nova, Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007.

_____. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. Tradução de Everton Aleva de Oliveira e Davi Miguel Manço. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja** - doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. 1 ed., São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

PEARLMAN, Myer. **João** - O Evangelho do Filho de Deus. 1. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Júnior, 2 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

POYTHRESS, Vern S. **Milagres de Jesus**. Como os atos poderosos do Salvador servem de sinais da redenção. Tradução de Daniel Kroker. 1 ed., São Paulo: Vida Nova, 2018.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus** - o mestre por excelência. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey. 3 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

RINNE, Jeramie. **Presbíteros**: pastoreando o povo de Deus como Jesus. Tradução de Rogério Portella. São Paulo: Vida Nova, 2016.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. SILVA Valmor da. (Org.) **Milagres na Bíblia**. Coleção Temas Bíblicos. São Paulo: Paulus, 2017.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos - SP: Fiel, 2000.

SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa**: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. Tradução Edmilson E Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SPROUL, R. C. **A Oração Muda as Coisas?** Série Questões Cruciais. 1 ed., São José dos Campo – SP: Editora Fiel, 2012.

STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo**. São Paulo: Editora Candeia, 2008.

_____. **Cristianismo básico**. Viçosa - MG: Ultimato, 2007.

_____. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006.

_____. **Os desafios da liderança cristã**. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU Editora, 2004.

_____. **A mensagem de Efésios**: a nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. 6 ed., São Paulo: ABU Editora, 2001.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução Augusto Victorino. v. II, São Paulo: Hagnos, 2003.

SWINDOLL, Charles R. **Davi**: um homem segundo o coração de Deus. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento** - Sua Origem e Análise. Tradução de Antônio Fernandes. Revisado por Walter M. Dunnett. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TRIPP, Paul. **Vocação perigosa**. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: Cultura Crista, 2014.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe**: Novo Testamento. Volume 2. Tradução de Regina Aranha. Santo André – SP: Geográfica Editora, 2008.

_____. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Volume 5. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André - SP: Geográfica Editora, 2006a.

_____. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Volume 1.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André - SP: Geográfica Editora, 2006b.

WILKES, C. Gene. **O último degrau da liderança.** Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal.** Tradução de Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

WILSON, Douglas (Org.). **Eu não sei mais em quem tenho crido.** Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Crista, 2006.

YOUSSEF, Michael. **O Estilo de Liderança de Jesus.** Belo Horizonte – MG: Editora Betânia, 1986.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento.** Tradução de Lena Aranha. 1 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

_____. **A interpretação Bíblica: Meios de descobrir a Verdade da Bíblia.** Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.